

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DIFERENÇAS DE GÉNERO NA ELABORAÇÃO DA ANSIEDADE E DO
PRAZER NAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ...”**

Eduardo Ferrão Monteiro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**DIFERENÇAS DE GÉNERO NA ELABORAÇÃO DA ANSIEDADE E DO
PRAZER NAS RESPOSTAS À PROVA “ERA UMA VEZ...”**

Eduardo Ferrão Monteiro

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor Bruno Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2013

Agradecimentos

Agradeço a orientação dos Professores Bruno Gonçalves e Teresa Fagulha na elaboração deste trabalho.

Em jeito de despedida desta minha aventura universitária, aos colegas e professores que me ajudaram e enriqueceram neste caminho, até sempre!

Resumo

A prova “Era Uma Vez...” (Fagulha, 1992) é uma prova projetiva de contar histórias para crianças entre os 5 e os 11 anos, que descreve a forma como elas elaboram as emoções de ansiedade e de prazer. A tarefa pedida à criança é que selecione e organize um conjunto de cenas para completar histórias em formato de banda desenhada, que retratam situações ansiogénicas e prazerosas do quotidiano de uma personagem com quem se identifica. O presente estudo propõe-se a descrever, pela primeira vez, as respostas à prova dadas pelos dois géneros separadamente, comparando-as e identificando possíveis diferenças entre si na sua evolução com a idade. Foi utilizada uma amostra de respostas de 400 crianças para análise da categoria da cena escolhida e sua posição na sequência organizada pela criança (Fagulha, 1992), e também da Estratégia de Elaboração Emocional (Pires, 2001). Foram encontradas diferenças de género, consoante a idade e a situação ansiogénica e de prazer. Globalmente, os resultados podem sugerir que na elaboração das emoções de ansiedade e prazer os rapazes tendem mais à experiência fantasiosa, e as raparigas mais para a consciencialização de emoções negativas, e também que aos 10 e 11 anos as raparigas tendem mais a elaborar essas emoções com maior maturidade.

Palavras-Chave: Prova Projetiva “Era Uma Vez...”; Estratégias de Elaboração da Ansiedade; Diferenças de Género; Evolução nas respostas à prova “Era uma vez...” com a idade; Idade escolar.

Abstract

The “Once upon a time...” test (Fagulha, 1992) is a storytelling projective test for children between 5 to 11 years old, which describes how they manage the emotions of anxiety and pleasure. The child has to select and organize a set of scenes to complete stories in comics form, that depict anxiogenic and pleasurable everyday situations of a character with whom she identifies. This study aims to describe, for the first time, the answers to the test given by the two genders separately, comparing them and identifying possible differences between them in their evolution with age. A sample of 400 children responses were analysed as to the category chosen scene and its position in the sequence organized by child (Fagulha, 1992), and as to the Anxiety Elaboration Strategy (Pires, 2001). Gender differences were found, depending on age and on the anxiogenic and pleasurable situation. Overall, results may suggest that in the management of anxiety and pleasure emotions boys tend more to fantasize, and girls tend more to raise awareness of negative emotions, and also that at 10 and 11 years old girls tend more to a mature management of these emotions.

Keywords: “Once upon a time...” projective test; Anxiety Elaboration Strategies; Gender Differences; “Once upon a time...” test responses evolution with age; School age.

ÍNDICE

Introdução	1
I. As provas projetivas na avaliação psicológica da criança	1
II. Provas projetivas de contar histórias para crianças	2
III. A Prova “Era Uma Vez...”	6
III.1. Fundamentação Teórica	7
III.2. Aspetos Construtivos, Material e Procedimento	13
III.3. Estudos com a Prova	16
IV. O meu estudo	18
IV.1. Diferenças de Género	18
IV.2. Método	20
IV.3. Resultados e Discussão	21
IV.3.1. Cartão I	22
IV.3.2. Cartão II	27
IV.3.3. Cartão III	32
IV.3.4. Cartão IV	37
IV.3.5. Cartão V	42
IV.3.6. Cartão VI	47
IV.3.7. Cartão VII	52
IV.4. Conclusão	60
Referências Bibliográficas	63
Anexo I	68
Anexo II	78
Anexo III	82

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização da amostra, em frequências, em função da idade e do gênero	21
Quadro 2. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes	26
Quadro 3. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas	26
Quadro 4. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes	31
Quadro 5. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas	31
Quadro 6. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão III (PRAIA), nos rapazes	36
Quadro 7. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão III (PRAIA), nas raparigas	36
Quadro 8. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes	41
Quadro 9. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas	41
Quadro 10. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes	46
Quadro 11. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas	46

Quadro 12. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes	51
Quadro 13. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas	51
Quadro 14. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes	56
Quadro 15. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas	51
Quadro 16. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, todos os cartões, nos rapazes	57
Quadro 17. Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, todos os cartões, nas raparigas	57

Índice de Figuras

Figura 1. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes	22
Figura 2. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas	23
Figura 3. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes	24
Figura 4. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas	24

Figura 5. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes	25
Figura 6. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas	25
Figura 7. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes	27
Figura 8. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas	28
Figura 9. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes	28
Figura 10. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas	29
Figura 11. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes	30
Figura 12. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas	30
Figura 13. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão III (PRAIA), nos rapazes	32
Figura 14. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão III (PRAIA), nas raparigas	33
Figura 15. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão III (PRAIA), nos rapazes	34

Figura 16. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão III (PRAIA), nas raparigas	34
Figura 17. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão III (PRAIA), nos rapazes	35
Figura 18. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão III (PRAIA), nas raparigas	35
Figura 19. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes	37
Figura 20. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas	38
Figura 21. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes	38
Figura 22. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas	39
Figura 23. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes	40
Figura 24. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas	40
Figura 25. Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes	42
Figura 26. Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas	43

Figura 27. Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes	44
Figura 28. Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas	44
Figura 29. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes	45
Figura 30. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas	45
Figura 31. Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes	48
Figura 32. Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas	48
Figura 33. Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes	49
Figura 34. Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas	49
Figura 35. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes	50
Figura 36. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas	50
Figura 37. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes	52

Figura 38. Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas **53**

Figura 39. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes **53**

Figura 40. Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas **54**

Figura 41. Percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes **55**

Figura 42. Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas **55**

Introdução

O presente estudo decorre de um trabalho já em curso relativo à obtenção e descrição das respostas normativas à prova “Era uma Vez...”. Até então, esse trabalho tem incidido sobretudo no estudo da evolução das respostas com o avanço da idade. O presente estudo propõe-se a explorar essa evolução mas também em função da variável género. A consideração desta variável permitirá a construção de uma amostra de dados normativos mais completa e precisa. Ao mesmo tempo, poderá contribuir para a formulação/teste de hipóteses no domínio das diferenças de género no desenvolvimento psicológico.

Resumidamente, a estrutura desta apresentação vai consistir no seguinte: introduzem-se as provas projetivas de contar histórias para crianças, nomeadamente pela descrição dos aspetos fundamentais das provas precursoras e de outras provas que partilham aspetos comuns com a prova “Era Uma Vez...”; introduz-se a prova “Era Uma Vez...”, descrevendo-se a sua fundamentação teórica e os principais aspetos construtivos, procedimentais e materiais; introduz-se o estudo presente; expõem-se os resultados e a discussão.

I. As provas projetivas na avaliação psicológica da criança

As provas projetivas são particularmente úteis na avaliação de crianças, existindo um diálogo ou correspondência particular entre a natureza destas provas e as características de desenvolvimento das crianças (Chandler, 2003).

Nas crianças o processo de externalização surge combinado com o egocentrismo infantil, personificando tudo o que acontece em termos dos seus próprios desejos e medos projetados; elas não dominam a expressão de sentimentos pela via linguística, privilegiando muitas vezes a atividade motora; têm menos controlo na sua motivação e cooperação se a tarefa for menos aliciante ou exigir mais compreensão concetual; e utilizam mais o pensamento pré-lógico e mágico, que no contexto real dos adultos pode originar maus entendimentos, frustração e conflito (Chandler, 2003).

As provas projetivas por sua vez libertam o sujeito dos constrangimentos da realidade objetiva e da descrição fática de estímulos, propondo uma situação próxima do estado artístico onde é evocada a liberdade de imaginação (Rabin, 1966). É oferecido ao sujeito um campo – objetos, materiais e experiências – que ele tem apenas de organizar, interpretar e reagir-lhe afetivamente, sendo nesse próprio processo plástico

que reside a projeção da personalidade (Frank, 1965). Este é um método que permite às crianças maior liberdade para contatar e utilizar nas respostas um maior número de experiências e de material de fantasia que povoam o seu mundo interno infantil (Dupree & Prevatt, 2003).

II. Provas projetivas de contar histórias para crianças

Por entre as técnicas projetivas mais utilizadas com crianças, como o Rorschach, o desenho, ou o completamento de frases, constam as provas projetivas de contar histórias (Cashel, 2002).

O *Thematic Apperception Test* (TAT), desenvolvido por Henry Murray na década de 30 foi a primeira prova de contar histórias amplamente utilizada, e a principal precursora da generalidade das provas de contar histórias posteriores, que pretenderam fundamentalmente expandir este método para objetivos ou populações específicas, entre estas as crianças (Dupree & Prevatt, 2003). O TAT foi baseado na teoria psicanalítica, e foi originalmente criado para acelerar o processo terapêutico, esperando-se que pela projeção na história contada o paciente pudesse revelar características da personalidade que de outra forma poderiam levar meses a descobrir (Murray, 1965; Dupree & Prevatt, 2003).

Depois de várias revisões o TAT contém no total cerca de trinta cartões de figuras, sendo pedido ao sujeito que conte uma história a partir de cada um deles, com princípio meio e fim, e para dizerem o que as personagens podem estar a pensar e a sentir, sendo-lhe também previamente assegurado que não há respostas certas ou erradas (Dupree & Prevatt, 2003). Os cartões variam propositadamente no seu conteúdo com o objetivo de extrair fantasias respeitantes às áreas de maior importância da vida do sujeito (Murray, 1965; Dupree & Prevatt, 2003), sendo as figuras suficientemente estruturadas para facilitar a construção da história, mas ambíguas o suficiente para permitir uma variedade de histórias possíveis (Karon, 1981). A história criada tem por base a projeção enquanto processo aperceptivo, pelo qual o sujeito integra um estímulo – a figura – com as experiências passadas e as preocupações psicológicas do presente (Kagan, 1966).

Acredita-se que quando os vários aspetos das histórias são analisados estas conduzem a uma avaliação da defensividade, das forças do ego, da sua atividade e passividade, dos estilos de *coping*, relações interpessoais, resolução de problemas, e dos

princípios organizadores básicos da personalidade do sujeito (Rabin, 1966). Neste sentido o TAT permite explorar as dinâmicas da personalidade, mais do que prover um diagnóstico diferencial (Dupree & Prevatt, 2003).

Em finais da década de 40 iria surgir a extensão mais direta do TAT especificamente para crianças, o *Children's Apperception Test* (CAT), desenvolvido por Leopold Bellak e Sonya Bellak (Bellak & Adelman 1966). Destinava-se a crianças dos 3 aos 10 anos, consistindo em dez cartões. A principal diferença em relação ao TAT é que foram usados animais nas figuras, nomeadamente por três razões: porque seria mais fácil para as crianças dar “ordens” a animais, ou seja, por facilitar a projeção; porque não eram tão ameaçadores como os humanos, e desta forma ser mais fácil para as crianças atribuir-lhes traços ou emoções inaceitáveis; e porque era mais fácil desenhar figuras de animais ambíguas no sexo e na idade. No entanto, presumindo que figuras de animais pudessem ser inapropriadas para as crianças mais velhas, os autores desenvolveram anos mais tarde uma versão do CAT em tudo semelhante mas com figuras humanas (CAT-H); e foi também questionada a força das figuras animais enquanto objetos de identificação pelas crianças, em detrimento de figuras humanas.

Ainda diferentemente do TAT, as figuras do CAT foram concebidas para abranger as preocupações típicas da infância, tais como rivalidade entre irmãos, relações com os pais, agressividade, medo de estar sozinho à noite, comportamentos de higiene, problemas de alimentação e problemas de crescimento. Nas instruções para administração, por se tratar de crianças é por exemplo acentuada a importância de se estabelecer rapport antes da aplicação, assim como de manter um discurso mais informal que nos adultos, introduzir a tarefa mais como um jogo de contar histórias, e considerar também algumas estratégias de facilitação e incitação da participação da criança.

Ainda datados do mesmo quarto de século são por exemplo o *Four Pictures Test* ou o *Madeleine Thomas Completion Stories Test*.

O *Four Pictures Test* foi desenvolvido por David Van Lennep, autor citado na sua descrição do teste por exemplo em Niekerk (1978/1999). É constituído apenas por quatro cartões, com ilustração colorida a aguarela de uma ou várias pessoas apenas razoavelmente definidas e em contextos relativamente vagos, explorando cada um dos cartões uma das seguintes facetas relacionais: o estar sozinho com outra pessoa, estar sozinho num contexto pessoal, estar sozinho num contexto social, e estar em conjunto com outras pessoas num grupo, por meio das quais se obtém informação essencialmente

a respeito da perspectiva do sujeito sobre si próprio, dos seus ideais, e das suas relações familiares e sociais. Na sua aplicação são apresentados ao sujeito os quatro cartões ao mesmo tempo, sendo-lhe pedido para os observar durante alguns minutos para que depois fossem recolhidos e o sujeito escrevesse uma história a partir deles. Era o sujeito que estabelecia a ordem e as relações entre os cartões em que se basearia a sua história.

O *Madeleine Thomas Completion Stories Test* foi desenvolvido por Eugene Mills, e tal como o CAT é um teste específico para crianças (Mills, 1953). Os estímulos apresentados à criança são auditivos e não visuais, consistindo em quinze histórias ou itens que se relacionam com as condições familiares, a experiência na escola, e a vida de fantasia de um pequeno rapaz ou rapariga fictício, do mesmo sexo e idade da criança que é testada. Cada história coloca um problema que é deixado em suspenso sendo pedido à criança que complete e termine a história ao seu gosto. A título ilustrativo transcreveu-se a primeira e segunda história: “*Um menino (ou menina) vai para a escola. Durante o recreio ele não brinca com os outros meninos. Ele fica sozinho num canto. Porquê?*”; “*Um menino (ou menina) zanga-se com o seu irmão. A mãe chega. O que vai acontecer?*” (p. 139). O examinador deve introduzir a tarefa como a ser realizada pelos dois, em que ele a começa e a criança acaba, lendo a sua parte da história num tom de voz calmo e constante, terminando com uma atitude expectante.

Já de inícios da segunda metade do século XX podem referir-se entre outros o *Make A Story Picture Test* (MAPS) e o Pata Negra (PN).

O MAPS foi desenvolvido por Edwin Shneidman (Shneidman, 1947), um teste para crianças e adultos, e que dá ao sujeito a oportunidade de selecionar e manipular as figuras e de as colocar sobre um determinado fundo, sendo portanto ele próprio a criar a situação a partir da qual conta a história. A maior parte dos fundos são cenas facilmente identificáveis, como a sala de estar, a cave, a casa de banho, a sala de aula, uma jangada ou uma cena da rua. Alguns têm menos estrutura como por exemplo uma nuvem de sonho. A maior parte das figuras são humanos, variando no género, raça, posição, expressão e roupa, havendo também por exemplo alguns animais. Na administração é dado um tempo ao sujeito para observar as figuras colocadas sobre a mesa, sendo-lhe depois colocado à frente o cartão com o fundo no qual irá construir uma cena com as figuras que seleciona e decide onde colocar. No fim de cada cartão pede-se para contar a história que criou, com referência à situação, a quem são as personagens, o que estão a fazer, no que estão a pensar e o que sentem, que eventos levaram a isso, e como termina a história, sendo no final de tudo pedido para dar um título à história. Ao fazê-lo o

sujeito está a revelar as tendências pessoais, pensamento, aspirações, tensões, perturbações, etc., nas figuras que ele escolhe, nas relações que estabelece entre elas, nas suas relações com os fundos em que as colocada e nas histórias que ele relata.

O teste Pata Negra foi desenvolvido por Corman, autor citado na sua descrição do teste por exemplo em Yaben (1993). É uma prova que retrata as aventuras de um porquinho, o Pata Negra, em cerca de vinte cartões. Inicialmente é apresentado um cartão à criança com a imagem de cinco porcos: dois adultos – o Papá e a Mamã –, o Pata Negra e dois outros porquinhos. O sujeito é convidado a identificar cada um deles precisando o sexo, a idade e a filiação. De seguida mostram-se todos os cartões do teste pedindo à criança que os observe o tempo que for necessário e que escolha apenas os que gosta para contar uma história sobre eles. Os cartões não escolhidos deixam-se sobre uma mesa adjacente ao alcance da criança para que possa integrá-los na história se mudar de opinião. No fim da elaboração livre da história a criança é convidada a desenhar um sonho que atribui ao Pata Negra.

Nas situações representadas, salienta-se o enfoque da figura materna nas interações com o Pata Negra, havendo também cartões em que é a interação com o pai que é destacada. Esta prova permite obter informação a respeito da fixação aos principais estádios da infância, temas oral, anal e edipiano, a respeito da agressividade, conflitos dependência-independência e culpabilidade, e ainda da percepção que o sujeito tem das figuras materna e paterna e das relações com eles. A sua correção faz-se com base na existência de categorias de resposta que enquadram as histórias narradas pelas crianças. A título de exemplo, a categoria 9 designada “Figura Paterna Agressiva”, engloba as histórias em que o pai agride, gera danos, etc. ao Pata Negra ou a qualquer outra figura; a categoria 15 designada “Mãe defensora de perigos”, engloba as histórias em que o Pata Negra ou qualquer outra das figuras é salva pela mãe de uma situação de apuro ou perigo.

Finalmente pode também fazer-se referência a uma prova já mais recente, o *Fairy Tales Test*, desenvolvida por Coulacoglou nos anos 90 (Coulacoglou, 2002). É um teste específico para crianças e resulta da associação entre contos de fadas e os processos inconscientes. Os materiais consistem em sete conjuntos de cartões, havendo três cartões/figuras por conjunto, as quais representam versões de personagens ou cenas de um conto de fadas conhecido entre as crianças. As três versões diferem basicamente em termos de expressão, roupa e idade das personagens. Estas são bem estruturadas sendo o fundo vago ou inexistente para facilitar a projeção. Depois de apresentado cada

conjunto é pedido à criança para responder a algumas perguntas sobre as suas figuras. As respostas conduzem à avaliação de vinte seis variáveis de personalidade, entre elas: ambivalência, auto-estima, desejo de coisas materiais, desejo de superioridade, medo da agressão, agressividade oral, necessidade orais, desejo de ajuda, necessidade de proteção, necessidade de afeto, preocupações sexuais, ansiedade, depressão, etc.. A título ilustrativo, a questão: “*Qual das bruxas/gigantes te assusta mais? Porquê?*” (p. 218) foi concebida para avaliar o medo da agressão, podendo a nomeação de *bruxas* ou *gigantes* revelar sentimentos a respeito da figura da mãe ou do pai, ou mesmo sobre a própria criança.

III. A Prova “Era Uma Vez...”

A prova “Era uma vez...”, desenvolvida por Teresa Fagulha na década de 80 (Fagulha, 1992), é uma prova de contar histórias tipo banda desenhada destinada a crianças dos 5 aos 11 anos. Reúne em si as componentes de construção, seleção, completamento e expressiva. São apresentados ao sujeito sete cartões-estímulo com uma sequência de três cenas de quadradinhos tipo “banda desenhada” que introduzem uma situação paradigmática do dia-a-dia de um mesmo menino ou menina (versão consoante o género da criança), desenhados a linha preta. A criança tem de completar a história selecionando e organizando ao seu gosto três de nove cenas individuais com ilustração de diferentes ações e acontecimentos do menino/menina nessa situação, que são disponibilizadas para cada cartão. Dos sete cartões-estímulo, cinco introduzem uma situação ansiogénica e dois uma situação de prazer; dos nove cartões para seleção e resposta a cada uma das situações, três retratam ações/acontecimentos aflitivos da personagem, outros três positivos e fantasiosos, e os outros três realísticos. Primeiro a criança constrói o complemento da história com as cenas, e depois verbaliza-a. A partir da categoria e posição das três cenas escolhidas e organizadas pela criança, que são enriquecidas e complementadas pelo relato verbal da história, esta prova descreve a forma como as crianças gerem as emoções, essencialmente a ansiedade e o prazer, por meio de uma tarefa que mantém as características fundamentais da atividade lúdica – essencialmente pela componente visual e motora e pela possibilidade criativa –, e que possibilita uma fácil e rápida leitura dos significados nela expressos.

III.1. Fundamentação Teórica

Leal (1985) fala-nos entre outros da emoção enquanto fenómeno relacional e da importância da sua avaliação. A emoção é por um lado um estado vivido subjetivamente, que é responsável pela conjugação da perceção com o agir, ou seja, atua como uma espécie de ativador e orientador da mobilização e ação do sujeito aquando de uma determinada perceção. Por outro lado a emoção tem também uma componente expressiva ou auto-representativa quando ocorre, que é responsável por transmitir ao meio/objetos externos o estado interno do sujeito, e de os mobilizar também a eles, num processo designado pela autora de “co-ação expressiva”. Este papel basilar desempenhado pela emoção na relação, e consequentemente nos processos internos dos sujeitos intervenientes permite por sua vez reconhecer-lhe um papel gerador e organizador de todos os outros eventos mentais, incluindo o pensar, a linguagem e a atividade simbólica.

Para Freud (1926/1996) um estado afetivo é uma reprodução ou um reviver de experiências antigas, algumas talvez mesmo pré-individuais, de importância vital, e que ocorre quando o sujeito é confrontado com situações semelhantes que as evocam. Aquando das experiências primárias o afeto é criado e incorporado na mente, sendo instaurados como que símbolos mnésicos correspondentes que vão influenciar o curso dos factos mentais futuros a partir de dentro do próprio sujeito.

A ansiedade seria um estado afetivo de desprazer, cuja incorporação na mente acontece na relação de dependência com a prestadora de cuidados e à medida que se processa o desenvolvimento mental, permanecendo durante um certo período na infância. A experiência prototípica primária do afeto da ansiedade remonta ao nascimento, ou mesmo à vida intra-uterina, em que o ser experimenta oscilações e mesmo a rutura da satisfação de determinadas necessidades biológicas pela mãe, que desencadeiam os característicos aumentos de excitação automáticos ao longo de determinadas enervações, que têm aqui o seu significado e finalidade original. No nascimento, por exemplo, é provável que a enervação ao ser dirigida para os órgãos respiratórios consiga iniciar a atividade dos pulmões, e que as pulsações do coração ajudem a manter o sangue isento de substâncias tóxicas.

Progressivamente o bebé descobre que é um objeto externo perceptível (em primeiro lugar o seio) que põe termo à situação perigosa que lhe lembra o nascimento, com o que desloca o conteúdo temido da necessidade biológica para a condição que

determina essa necessidade, ou seja, a perda de objeto. A situação de desamparo biológico da criança como feto e recém-nascido é assim substituída por um desamparo mental numa relação de objeto. Desta forma a separação mantém-se como fator determinante, mas o afeto de ansiedade evolui de um aparecimento automático involuntário para uma reprodução intencional do ego como sinal de perigo de perda materna. Esta nova virtude egóica permite não apenas remediar os efeitos da separação, mas preveni-los.

Na fase anal a criança aprende que as fezes – que inicialmente valoriza como parte do seu corpo e de que não se separa facilmente – e tudo o que se relaciona com as funções excretoras – as quais lhe geram prazer – é vergonhoso e deve ser restringido e mantido em segredo. Desde então as fezes e as funções excretoras passam a ser uma parte boa sua que está ameaçada, e que ameaça o amor do objeto, passando por isso a ser vivida com uma nova e particular carga ansiogénica.

Na fase fálica o pénis adquire um alto grau de valor narcísico tornando-se uma garantia para o seu possuidor de que pode ficar unido à mãe – isto é, a um substituto dela – no ato da copulação. Desta forma a perda do objeto fálico adquire nesta fase um significado particularmente relevante de desamparo mental, cujas situações que a permitam vão ser sinalizadas pelo ego por meio da aqui designada ansiedade de castração.

Até ao período de latência ocorre a despersonalização do agente parental internalizado, do qual se temia a castração, convertendo-se a raiva, punição ou intenção de abandono desse superego em experiências morais e por mão de agentes sociais. Tais situações de perigo passam por sua vez a despoletar uma ansiedade moral.

Embora cada uma destas fases da experiência de desamparo tenham um período crítico limitado de ocorrência, não quer dizer que cada determinante invalida completamente o precedente. Todas essas situações de perigo geradoras de ansiedade podem resistir lado a lado e fazer com que o ego lhes reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo. E pouco ou muito tempo depois do período de latência muitas pessoas continuam infantis no seu comportamento referente ao perigo, superando só mais tarde ou mesmo nunca essas experiências primárias traumáticas que não foram ultrapassadas.

A vivência de ansiedade pelo ego é ainda, e adicionalmente, o desencadeante primário que põe em movimento processos defensivos, como por exemplo a repressão,

com os quais o ego procura prevenir a própria situação de perigo desencadeante de ansiedade.

Para Melanie Klein (1948/1991) a ansiedade é primariamente originada na reação ao instinto de morte, isto é, no medo de aniquilação da vida pelos impulsos e fantasias sádicas instintivas do próprio indivíduo. Esse medo fundador existe nas camadas profundas do inconsciente e tem várias formas, que resultam do trabalho dinâmico interno que é feito sobre o instinto de morte.

Um paradigma interno primário do bebê é a luta entre os seus instintos de morte e de vida. Esta luta é inicialmente acentuada pela experiência do nascimento, que faz com que o mundo externo pareça hostil. No seu objeto externo primário em particular - o peito da mãe - o bebê projeta também os seus impulsos destrutivos, isto é, desvia para fora o instinto de morte, o que aumenta ainda mais o seu carácter hostil; adicionalmente é ainda contra este objeto primário que o bebê dirige os seus impulsos destrutivos. Desta forma, a situação de frustração do peito, que constitui um perigo efetivo para a vida, é sentida pelo bebê por um lado como um ataque contra si por um agente hostil particularmente poderoso, e por outro como uma perseguição e retaliação pelos seus impulsos destrutivos dirigidos contra ele. É aqui e desta forma que tem origem a ansiedade persecutória, que é a ansiedade predominante até aos primeiros 3 a 6 meses.

O peito atacado, que pela projeção se converte no representante externo do instinto de morte, é ainda introjetado, e isto significa que a situação de perigo interno inicial, ou seja o temor da atividade do instinto de morte no interior, acaba por sair igualmente reforçada. Esta conclusão conduz a uma necessidade maior por parte do ego de desviar (projetar) os perigos internos (principalmente a atividade do instinto de morte) novamente no mundo externo. Estabelece-se desta forma uma espécie de ciclo, em que a ansiedade persecutória e a agressão reforçam-se mutuamente: os impulsos agressivos do bebê são os principais geradores e definidores da construção de figuras persecutórias; estas mesmas figuras geram e alimentam a sua ansiedade persecutória, e ainda reforçam os impulsos e fantasias agressivos do bebê contra os objetos externos e internos sentidos perigosos.

Klein designa por posição esquizo-paranóide o período em que prevalece a ansiedade persecutória descrita. Neste os processos de clivagem estão no seu auge, prevalecendo uma ligação exclusiva do ódio e da ansiedade persecutória ao peito frustrador (mau), e de amor e segurança ao peito gratificador (bom).

Porém, e desde o princípio da vida que o ego tende também a integrar-se e a sintetizar os diferentes aspetos do objeto. Em tais estados de integração surge um certo grau de síntese entre o amor e o ódio em relação aos objetos parciais, levando a que progressivamente a criança se relacione com objetos totais, ou completos. Com isto a pessoa que é alvo dos seus impulsos agressivos (internalizada e externa), passa a ser a mesma pessoa que é alvo do seu amor, e que portanto o bebé pode danificar. O ego enfrenta uma nova realidade psíquica muito dolorosa, com queixas e censuras que emanam dos objetos totais, conduzindo a sentimentos de sofrimento, culpa e de tensão, que têm associado uma ansiedade depressiva.

Parece provável que a ansiedade depressiva, a culpa e a tendência reparatória subsequente apenas se experimentem quando sobre os impulsos destrutivos predominem os sentimentos de amor face ao objeto. Por outras palavras, supõe-se que experiências repetidas de amor superando o ódio – em última instância o instinto de vida superando o instinto de morte – são uma condição essencial para a capacidade do ego se integrar a si mesmo e de sintetizar os aspetos contrastantes do objeto, por sua vez condição essencial para a manutenção de relações emocionais estáveis com os outros.

Klein designa como posição depressiva o estado em que a capacidade de síntese é predominante sobre a clivagem, a partir aproximadamente dos 3 a 6 meses de idade. Porém, e não obstante esta evolução inicial, as duas posições, esquizo-paranóide e depressiva, e as respetivas defesas, vão permanecer na vida emocional interna futura do sujeito, e vão depender portanto sobretudo da forma como decorreram estas experiências com os objetos primários.

Relativamente ao prazer, George Klein (1972) citado por Fagulha (1992) considera-o a par da ansiedade como os principais e contrastantes estados emocionais, gerados pelo organismo em contato com o meio/objetos externos, e que motivam o ego a funções adaptativas diversas.

Tal como Freud para a ansiedade, Klein (1972) citado por Fagulha (1992) afirma que a experiência de prazer pode ter um papel adaptativo de sinalização da experiência. E tal como diferentes formas de ansiedade podem corresponder a diferentes fases de desenvolvimento (ansiedade de separação, ansiedade de castração, etc.), diferentes protótipos de experiências de prazer surgem de forma predominante em diversas etapas do percurso do desenvolvimento, contribuindo para a construção da identidade pessoal e para a constituição do sistema de relações interpessoais.

Primeiro há o prazer na redução da tensão desagradável, que nos primeiros tempos de vida consiste na redução da tensão originada por necessidades biológicas, e mais tarde por exemplo por obstáculos físicos ou separações objetais, cuja remoção ocasionará prazer; depois o prazer sensual, o qual, tal como o prazer na redução da tensão tem a sua origem inicial em sensações corporais, mas que não está já necessariamente ligado à redução de tensão, mas antes a sensações presentes nos carinhos e afagos que lhe são dispensados pelos adultos que dela cuidam, e que contribuem para a sua relação com eles; também o prazer em vivenciar o *self* enquanto agente da mudança e de efeitos de desenvolvimento, estando em causa o exercício de uma capacidade e o valor instrumental dessa capacidade com vista a um objetivo; ainda o prazer de dar prazer, na descoberta e reconhecimento de si própria, na resposta emocional do outro; por fim o prazer na síntese (prazer estético), uma experiência de agrado ligada à contemplação da perfeição do mundo, da ordem correta das coisas, da harmonia.

A vivência destas diferentes modalidades de prazer proporciona o desenvolvimento de sentimentos de confiança, competência, autonomia e identidade, que tornam o indivíduo mais apto a enfrentar as situações de conflito e frustração e fortalecem a sua capacidade de lidar com as experiências de ansiedade, o outro polo organizativo da vida de relação.

Melanie Klein (1955/1991) fala-nos também da sua técnica psicanalítica inovadora para crianças pelo brincar. A pré-condição é a de o psicanalista compreender e interpretar as fantasias, os sentimentos, as ansiedades e as experiências expressas pela criança ao brincar ou, se essa atividade está inibida, a causa dessa inibição. O foco nas ansiedades é particularmente importante para diminuir a ansiedade da criança e como forma de chegar mais profundamente ao seu inconsciente e à sua vida de fantasia. À medida que algumas ansiedades são interpretadas, novas ansiedades se põem a descoberto, num caminho em que a criança vai obtendo um alívio progressivo e permitindo que a análise progrida.

A forma que se propõe fazê-lo é então, e a par da análise da transferência para o terapeuta, fazendo o mais possível uso da linguagem simbólica através do brincar, uma parte essencial do modo de expressão da criança, e uma ferramenta imprescindível para o psicanalista. Por um lado, para além de ser o meio privilegiado pelas crianças para se expressarem, o simbolismo pelo brincar habilita a criança a transferir fantasias, ansiedades e culpa para outros objetos que não pessoas, e desta forma proporcionando-

lhe uma grande dose de alívio ao brincar; efetivamente, a criança pode realizar através da atividade lúdica o que não pode ou quer na realidade objetiva. Por outro lado o conteúdo projetado no brincar mantém uma ligação particularmente estreita com o conteúdo inconsciente, a linguagem e a função do brincar são particularmente próximas da linguagem e função dos sonhos, e dessa forma constituem um meio privilegiado para o acesso a esse inconsciente.

Winnicott (1975) fala-nos do brincar como conceito universal próprio da condição sadia, que seria não só uma forma de comunicação na psicoterapia, mas uma atividade fundamental para o crescimento e para o estabelecimento do relacionamento em grupo. Winnicott parte, entre outros, do conceito de “lugar” do brincar. A área do brincar não é a realidade psíquica interna, está fora do indivíduo, mas também não é o mundo externo. Acontece numa área transicional que existe entre a mãe e o bebê, que os une e que ao mesmo tempo proporciona a separação ao bebê, e que tem como fator basilar a confiança na mãe. Se o bebê experienciar uma boa onipotência inicial, em que os objetos que ele quer e precisa “aparecem” quando ele quer e precisa, e se a mãe for progressiva e adequadamente introduzindo-se nessa interação, estabelecer-se-á uma união entre onipotência dos processos intrapsíquicos com o controle que ele tem do real emergente. O objeto transicional, a partir de aproximadamente os primeiros 4 meses, é o primeiro objeto resultante dessa união, um objeto funcional que é o próprio bebê que encontra e escolhe, e que já não é totalmente eu, mas ainda não totalmente não-eu. É a partir daí que a criança brinca, isto é, que traz para dentro dessa área transicional objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os ao serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal. Sem alucinar, a criança controla-os pondo para fora uma amostra do potencial onírico e vive com essa amostra num ambiente escolhido de fragmentos oriundos da realidade externa. E este controlo não é apenas pensado ou desejado, é agido corporalmente (manipulado, gesticulado...), brincar é fazer. Desta forma, e já segundo Fagulha (1985) o brincar é tão importante porque os objetos ou brinquedos emprestam a sua realidade para a criança a poder transformar, poder criar, fazer nascer no objeto que encontra aquele que o seu desejo necessita. E esse desejo é sobretudo o de re-experienciar as suas vivências emocionais, de as recriar e controlar, de procurar alívio na fantasia para as mais dolorosas, ou de ensaiar alternativas na busca de possíveis soluções realistas, com vista à sua integração e elaboração (Winnicott, 1975). Winnicott refere ainda que é no brincar, e somente no

brincar, que a criança pode ser criativa, e que somente sendo criativo é que se pode descobrir o eu (*self*).

III.2. Aspetos Construtivos, Materiais e Procedimento

A “Prova Era uma Vez...” pretende constituir uma situação estandardizada, no seu modo de apresentação e interpretação, que permita complementar, com economia de meios, os elementos obtidos na entrevista inicial à criança (Fagulha, 1994).

Depois de estabelecido um contato inicial, conversando um pouco ou deixando-a desenhar, introduz-se a prova como se de um jogo de construção de histórias se tratasse. Psicólogo e criança devem estar sentados lado a lado numa mesa, sendo o cartão inicial com a introdução da situação colocado em frente à criança, e as cenas para escolha e complemento da história à sua direita, lado onde está também o psicólogo (Fagulha, 1992).

A forma de representação escolhida para as cenas é a banda-desenhada, por constituir um estímulo especialmente atraente para a maioria das crianças. Para dar continuidade ao episódio, é dada a criança a possibilidade de selecionar, manipular e organizar cenas individuais, tal como quando se oferece uma variedade de objetos-brinquedos, para que com eles a criança organize uma forma de expressão e comunicação consigo própria e com o observador (Fagulha, 1992).

O psicólogo que aplica a prova tem uma atitude colaborante, utilizando sempre o discurso na primeira pessoa do plural, e mantém ao longo dos vários cartões uma espécie de diálogo com a criança, em que a história é apresentada pelo psicólogo que introduz as primeiras três cenas do cartão-estímulo e depois terminada pela criança que escolhe e organiza as outras três cenas para a completar, sucessivamente, em que num espaço comum, um dá vez ao outro (Fagulha, 2004). Há implicação mútua e partilha a dois, estabelecendo-se um «vai e vem», uma representação do «agora tu-agora eu» que facilita e promove a comunicação expressiva (Leal, 1985).

O primeiro cartão apresentado à criança é ainda um cartão de exemplificação e treino da prova, o Cartão E – CARNAVAL, em que a personagem vai até uma loja comprar artigos para uma festa de carnaval. De seguida são então apresentados sucessivamente os sete cartões-estímulo que correspondem à operacionalização de situações ansiogénicas ou prazerosas: Cartão I – PASSEIO COM A MÃE, que representa a situação ansiogénica em que a personagem vai a passear com a mãe e se

perde dela; Cartão II – DOENÇA, que representa a situação ansiogénica em que personagem fica doente, de cama; Cartão III – PASSEIO À PRAIA, que representa a situação prazerosa em que a personagem vai com os pais até à praia e encontra um grupo de crianças a brincar; Cartão IV – PESADELO, que representa a situação ansiogénica em que a personagem acorda a meio da noite com um pesadelo; Cartão V – DIA DE ANOS, que representa a situação prazerosa em que a personagem celebra o seu aniversário, com os pais e amigos a darem-lhe os parabéns e num contexto de festa com bolo de aniversário; Cartão VI – BRIGA DOS PAIS, que representa a situação ansiogénica em que a personagem assiste a uma discussão entre os pais; e Cartão VII – ESCOLA, que representa a situação ansiogénica em que a personagem se confronta com o não responder no contexto de uma sala de aula. Depois de terminada a história para cada situação pela criança, o examinador apresenta uma cena individual adicional com a personagem numa atividade ou contexto que sugere o fim da situação apresentada, de forma a que a história tenha uma resolução igual para todas as crianças independentemente do desfecho que cada uma tenha criado. Depois da totalidade dos sete cartões é apresentado um Cartão Final, o RETRATO DO MENINO/A, em que a criança é apenas convidada a falar livremente sobre a personagem, dando-lhe um nome, escolhendo a história de que mais gostou e de que menos gostou, bem como inventar uma nova aventura para a personagem (Fagulha, 1993).

Para completar cada episódio a criança escolhe e sequencia três cenas de nove disponibilizadas, com representações de acontecimentos, emoções e ações da personagem relativamente a esse episódio específico. As nove cenas agrupam-se em diferentes categorias, que são dispostas à criança de forma estandardizada numa matriz de 3x3, e de modo a que cada cena alterne com cenas de categorias diferentes: os cartões 1, 6 e 8 correspondem a cenas designadas de Realidade, isto é a uma resposta que envolve uma aceitação da realidade e/ou uma tentativa realista da personagem para lidar com a situação sugerida pelo cartão-estímulo; os cartões 2, 4 e 9 correspondem a cenas designadas de Aflição, isto é a uma resposta à situação que está relacionada com um sentimento de ansiedade ou aflição, em que a personagem expressa a ansiedade gerada pela situação; e os cartões 3, 5 e 7 correspondem a cenas designadas de Fantasia, isto é, a uma solução através da fantasia e imaginação associada a sentimentos agradáveis pela personagem face ao acontecimento crítico representado no cartão (Fagulha, 1992). Estas três qualidades de experiência psíquica correspondem às que podem ser vividas pelas crianças no brincar criativo na área transicional de Winnicott

(1975), e que mesmo na forma de cenas constituem o equivalente aos objetos usados na brincadeira (Fagulha, 1996). O facto de o acontecimento e emoção já estar representado facilita a identificação, e ao brincar/viver essas experiências numa relação com o psicoterapeuta propicia também a sua elaboração, podendo ter um efeito terapêutico (Fagulha, 1992).

Na organização das sequências para completar a história podem surgir múltiplas combinações, que permitem deduzir movimentações internas na elaboração e integração das emoções, e por sua vez descrever tendências de utilização de mecanismos de regulação de afetos despertados pelas situações apresentadas na prova (Fagulha, 1994), e isto por meio de um sistema de cotação explícito e cuidadosamente desenvolvido com grande aceitação por parte dos examinadores (Fagulha, 1997). Através desse movimento interno procura-se avaliar essencialmente a forma como o ego se confronta com as emoções: se pode tolerar a tensão e realizar compromissos que viabilizam a gratificação dos impulsos de acordo com a realidade; se a fantasia pode funcionar como um refúgio face às emoções dolorosas; ou se estas são tão intensas que submergem todo o funcionamento, ou até que ponto o ego tem capacidade de separar desejo de fantasia (Fagulha, 1994).

Ainda de referir que dentro de cada categoria podem também ser identificados níveis ou subcategorias de cenas: há cenas de aflição e de muita aflição; cenas de fantasia mágica (que ilustram aspetos de fantasia onipotente ou de realização impossível) e de fantasia viável; e cenas que ilustram situações de aceitação da realidade (dolorosa ou agradável) proposta no cartão, e que representam estratégias resolutivas dessa situação (Fagulha, 1994).

Para além do cartão-exemplo, cartões-estímulo e do manual, a prova inclui também uma folha de registo das respostas e uma folha de análise das respostas, na qual estão contemplados os itens relevantes em termos da informação que a prova pode fornecer (Fagulha, 1997).

Em relação à primeira versão da prova, apresentada em 1985, a versão atual e que é aqui descrita, apresentada em 1992, tem essencialmente: um maior número de cartões/situações; procedimentos mais standardizados; uma amostra normativa mais alargada; e a aplicação do cartão final sobre o qual a criança pode falar abertamente sobre a personagem.

III.3. Estudos com a Prova

O estudo de Capinha (2012) é o mais recente para a descrição das respostas à prova pela população normal. Este estudo utilizou uma amostra de 400 crianças dos 5 aos 11 anos, e descreveu (1) a categoria de cenas escolhidas e sua colocação em cada uma das três posições da sequência, critérios propostos pela autora da prova desde a sua concepção (Fagulha, 1992), e (2) a modalidade de combinação dessas categorias de cenas em sequências, proposta mais tarde por Pires (2001), ambos os parâmetros descritos na sua evolução com a idade.

O trabalho de Pires (2001) consistiu na elaboração de um esquema de interpretação da categoria e sua posição na sequência, que permite simplificar o processo de interpretação das respostas à prova, por meio da identificação da modalidade de movimento interno desencadeado na mobilização dos recursos para lidar com o afeto desencadeado pela situação estímulo. Sintetizou 4 grandes modalidades, ou também designadas Estratégias de Elaboração da Ansiedade: Estratégia Adaptativa Operacional (EAO), que se traduz em sequências que englobam cenas de Aflição e de Realidade, terminando com uma cena de Realidade, e que representa o reconhecimento do sofrimento ou dificuldade que se traduz numa possibilidade de solução adaptativa da situação; Estratégia de Equilibração Emocional (EEE), que se traduz em sequências que englobam as três categorias de cenas – Aflição, Fantasia e Realidade –, regra geral tendo na última posição uma cena de Realidade ou de Fantasia, e que representa o reconhecimento do sofrimento ou dificuldade e a facilitação da sua elaboração por meio da Fantasia; Impossibilidade, que se traduz em sequências que englobam cenas de Aflição, Fantasia e Realidade, terminando com uma cena de Aflição, e que representa o reconhecimento do sofrimento ou dificuldade que não se traduz numa possibilidade de solução adaptativa; e a Negação, que se traduz em sequências que englobam cenas de Aflição, Fantasia e Realidade, terminando com uma cena de Fantasia e tendo como aspeto distintivo essencial o modo como as cenas de Fantasia são usadas para evitar o reconhecimento da experiência emocional dolorosa ou de dificuldade, e que é portanto a estratégia que representa uma fuga à tomada de consciência dos aspetos perturbadores da situação. A utilização das duas primeiras Estratégias de Elaboração da Ansiedade (EAO e EEE) reflete a existência de mais recursos pessoais para lidar com a experiência ansiogénica e/ou de dificuldade.

O estudo de Capinha (2012) permitiu em termos globais fortalecer a hipótese de que quer ao nível da categoria e sua posição na sequência, quer ao nível das Estratégias as crianças mais velhas tendem a dar respostas que revelam uma maior capacidade adaptativa com a ansiedade, e com a ansiedade associada a situações geradoras de prazer. Particularmente, a autora concluiu entre outros que existe uma tendência para o decréscimo do uso da fantasia com a idade, exceto quando esta pode ser utilizada face a uma situação incontrollável, como a doença.

Ribeiro (2011) faz a descrição dos mesmos parâmetros de análise considerados por Capinha (2012), mas de uma amostra de crianças que frequentava a instituição “Casa da Praia” por dificuldades na aprendizagem que têm por base problemas emocionais. Comparando-a com uma amostra normativa, a autora identificou algumas diferenças na amostra afetada que ajudaram a perceber os seus padrões característicos de resposta e evolução de resposta, que por sua vez contribuem para uma melhor compreensão da elaboração emocional por esta população. Outros estudos deste tipo tinham já sido realizados, como por exemplo o estudo de Fagulha (1995) em que foi comparada uma amostra de crianças negligenciadas institucionalizadas com uma amostra de crianças vítimas de abuso, mas sendo neste caso um estudo já focado na associação entre as cenas escolhidas e as verbalizações associadas, com o objetivo de compreender a representação das relações de objeto das suas amostras, e as suas diferenças. Verificou-se por exemplo que o primeiro grupo registou frequências mais altas da idealização das figuras parentais e de relações benevolentes com os pares, enquanto o segundo grupo revelou um mundo interno mais malevolente, tendo contado mais frequentemente histórias nas quais os adultos não ajudam e puniam a personagem da história, e em que esta experienciava fantasias agressivas na relação com os pares.

Um outro tipo de estudos realizados são os que pretenderam explorar a possibilidade de utilização da prova em condições que inviabilizam a utilização de outras provas temáticas, por dificuldades de compreensão e expressão verbal, e de motricidade. Neste âmbito pode referir-se o estudo com uma amostra de crianças com paralisia cerebral (Fagulha, 1993b), que revelaram entre outros a tendência para maior dificuldade em elaborar sentimentos ansiosos, uma expectativa particularmente ameaçadora no encontro de pares “normais” no contexto de uma atividade lúdica (cartão III), ou ainda uma maior tendência para a reação negativista face a acontecimentos especialmente agradáveis (cartão V). Ainda nesta linha, o estudo com crianças com deficiência auditiva (Fagulha, Andersen & Gama, 1994), onde foi ensaiada uma

aplicação da prova simplificada, utilizando linguagem de sinais, mais próxima à da experiência diária da criança.

Por fim, um último tipo de estudo que objetiva a correlação entre as respostas à prova “Era uma vez...” e as respostas a outras provas psicológicas. Neste âmbito enquadra-se o estudo de Gonçalves e Fagulha (2004) em que se compararam os resultados no teste de Szondi de diferentes sub-grupos de sujeitos definidos pela estratégia de elaboração da ansiedade adotada em cada um dos cartões da prova “Era uma vez...”, tendo-se verificado relações privilegiadas de determinadas respostas à prova mediante as estratégias com determinados fatores do teste de Szondi. Os autores referem que a possibilidade de estabelecer correspondências entre os resultados destas duas provas projetivas tendeu não só a confirmar a sua validade, mas permite também explorar os resultados de cada uma delas, enriquecendo a sua interpretação.

IV. O meu estudo

O presente estudo vai utilizar a mesma amostra e considerar os mesmos dois parâmetros de análise das respostas de Capinha (2012), mas vai focar-se na identificação e descrição das possíveis diferenças entre as respostas dos rapazes e das raparigas dessa amostra, e da sua evolução com a idade.

Antes da apresentação do método e resultados, faz-se uma breve referência a resultados e conclusões de outros estudos no âmbito das diferenças de género no domínio emocional das crianças, nomeadamente em idade escolar.

IV.1. Diferenças de Género

Else-Quest, Hyde, Goldsmith e Van Hulle (2006) utilizaram a técnica meta-analítica para estimar a amplitude das diferenças de género em três fatores de temperamento numa extensa amostra de crianças dos 3 meses aos 13 anos. Obtiveram resumidamente os seguintes resultados: o fator Controlo de Esforoço (*Effortful Control*), que está ligado ao traço Conscienciosidade da teoria dos Big Five, é mais elevado nas raparigas, e nomeadamente nas dimensões de regulação da atenção e inibição dos impulsos, a partir do que os autores sugerem a possibilidade de um atraso maturacional masculino na infância; o fator Insurgência (*Surgency*), que está ligado ao traço Extroversão, é mais elevado nos rapazes, e nomeadamente nas dimensões de alta intensidade de emoções prazerosas e nível de atividade; o fator Afetividade Negativa (*Negative Affectivity*), que

está ligado ao traço Neuroticismo, não registou diferenças entre géneros, apenas ao nível das dimensões, sendo a dimensão do medo e a dimensão do desconforto mais elevadas nas raparigas, e a dimensão da dificuldade e a dimensão da intensidade de afetividade negativa mais elevadas nos rapazes.

Sharp, Van Goozen e Goodyer (2006) utilizaram a metodologia de perceção de figuras afetivas (de três categorias: figuras prazerosas, neutras e aversivas) para examinar a intensidade de prazer/desprazer da reatividade emocional de uma amostra de 659 crianças dos 7 aos 11 anos. Os resultados revelaram que as raparigas classificavam as figuras aversivas como mais intensamente desprazerosas do que os rapazes.

Zimmer-Gembeck, Lees, Bradley e Skinner (2009) investigaram a qualidade e intensidade da resposta emocional a diferentes situações ameaçadoras em vídeo por uma amostra de 146 crianças que frequentavam desde o 3º ano ao 7º ano de escolaridade. As situações ameaçadoras dividiam-se em duas categorias: situações interpessoais com pares (ser vítima de *bullying* na escola, não ser escolhido para uma equipa, e cometer um erro num desporto em equipa) ou com os pais (uma discussão entre os pais, a criança a ter uma discussão com um dos pais), e situações não interpessoais (ver um amigo a despedir-se, estar sentado a fazer um exame, e levar uma injeção). Obtiveram resumidamente os seguintes resultados: (1) a resposta de tristeza e medo pelas raparigas era mais emotiva ou com maior carga emocional do que a dos rapazes; e (2) essas diferenças são iguais independentemente da categoria da situação ameaçadora.

Morelen, Zeman, Perry-Parrish e Anderson (2011) utilizaram escalas para investigar as diferenças regionais, desenvolvimentais e de género na regulação emocional da raiva e da tristeza de uma amostra de 521 crianças dos 8 aos 15 anos. No que respeita às diferenças de género obtiveram resumidamente os seguintes resultados: independentemente da nacionalidade, os rapazes obtiveram pontuações mais elevadas no parâmetro Esforço de Controlo (*Effortful*) para a tristeza, ou seja recorrem mais frequentemente a uma tentativa deliberada para tentar regular a tristeza e a sua expressão; as raparigas obtiveram pontuações mais elevadas quer no parâmetro Sob Controlo (*Under Control*) para a tristeza, ou seja tenderam mais frequentemente para a falta de esforços regulatórios para lidar com a tristeza, quer no parâmetro Sobre Controlo (*Over Control*) para a raiva, ou seja tenderam mais frequentemente para a inibição ou supressão da raiva.

Eschenbeck, Kohlmann e Lohaus (2007) consideraram o género, a idade, e o tipo de situação stressora (uma situação académica de dificuldade nos trabalhos de casa

e uma situação social de discussão com um amigo) numa investigação sobre o recurso a estratégias de *coping* de uma amostra de 1990 crianças e adolescentes do 3º ano ao 8º ano de escolaridade, pela aplicação de um questionário com 5 subescalas. Resumidamente os autores concluíram que (1) independentemente da situação stressora as raparigas pontuaram mais na estratégia de procura de suporte social e na estratégia de resolução do problema, e os rapazes pontuaram mais na evitação do *coping*; e (2) que na situação social essa maior procura de suporte social pelas raparigas e maior evitação de *coping* pelos rapazes tendia também a crescer com a idade.

Rebelsky, Allinsmith e Grinder (1963) investigaram a confissão como índice de desenvolvimento de consciência nas crianças, tendo para isso utilizado histórias projetivas para completamento em que um super-herói transgredia, por meio da fantasia, as regras do real em situações que envolviam a obtenção de ganhos junto dos pares ou dos pais, numa amostra de 138 crianças de 11 e 12 anos. Em relação às diferenças de género os investigadores concluíram que (1) a percentagem de rapazes que mente, ou mais precisamente que conta uma continuação da história em que não há a descoberta/confessar da transgressão é significativamente superior à das raparigas, e (2) que a percentagem de rapazes que não mente, ou mais precisamente que conta uma continuação da história em que a transgressão é descoberta/confessada, é significativamente inferior à das raparigas. Os investigadores consideram que a confirmar-se a confissão como medida da consciência, conclui-se que as raparigas são mais conscientes do que os rapazes, e também que não tão facilmente como os rapazes utilizam ou investem numa transgressão ou mentira fantasiada.

IV.2. Método

O único instrumento utilizado no presente trabalho foi a prova projetiva de contar histórias “Era uma vez...”, na sua versão de 1992, apresentada e descrita acima.

Os participantes são os mesmos do estudo de Capinha (2011), 400 crianças que frequentavam a escola do ensino público e privado de vários locais do país, com idades compreendidas entre os 5 e os 11 anos. A faixa etária mais representada é a dos 7 anos, que representa 21,8% da amostra; a menos representada é a dos 11 anos, que representa 3% da amostra. A média de idades dos participantes é de 7,515, com um desvio-padrão de 1,671. Relativamente à distribuição por género, 47,2% das crianças são do género masculino, e 52,8% do género feminino. A diferença na distribuição do género por faixa

etária varia entre os 0% nas crianças de 11 anos (6 rapazes e 6 raparigas) e os 16,6% na faixa etária dos 9 anos (25 rapazes e 35 raparigas). Para uma descrição completa das frequências ver Quadro 1.

A aplicação da prova e preenchimento de protocolos foi feita ao longo dos últimos 10 anos por diversos psicólogos, tendo os dados recolhidos sido posteriormente reunidos numa base de dados que foi disponibilizada pela Professora Teresa Fagulha para a realização deste trabalho. Na aplicação da prova foi necessário o consentimento da escola e dos encarregados de educação.

O procedimento estatístico aplicado a essa base de dados foi a análise descritiva. Esta foi utilizada para determinar as frequências e percentagens das respostas relativas à categoria da cena escolhida por posição na sequência, e à estratégia de elaboração da ansiedade utilizada, ambas por idade e por género. As tabelas com as frequências das respostas por género e idade discriminada estão disponíveis em anexo (ver Anexo I, página 68).

Quadro 1

Caracterização da amostra, em frequências, em função da idade e do género

		Idade (em anos)							Total
		5	6	7	8	9	10	11	
Género	Masculino	27	34	37	31	25	29	6	189
	Feminino	22	44	50	33	35	21	6	211
Total		49	78	87	64	60	50	12	400

IV.3. Resultados e Discussão

Os resultados obtidos serão apresentados em pares de gráficos de linhas com as percentagens das respostas para os dois géneros separadamente, referentes (1) à percentagem da categoria escolhida em função da idade na 1ª posição – movimento emocional inicial no confronto com a situação crítica exposta no cartão –, e na 3ª posição – movimento de desfecho emocional para a situação crítica exposta no cartão –, e (2) à percentagem da estratégia utilizada – modalidade de movimento interno global desencadeado na mobilização dos recursos para lidar com o afeto perturbador –, ambas em função da idade e para cada um dos sete cartões sequencialmente. Não se incluíram

neste estudo os dados relativos à percentagem da categoria escolhida em função da idade na 2ª posição da sequência pela dificuldade de interpretação do seu significado isoladamente.

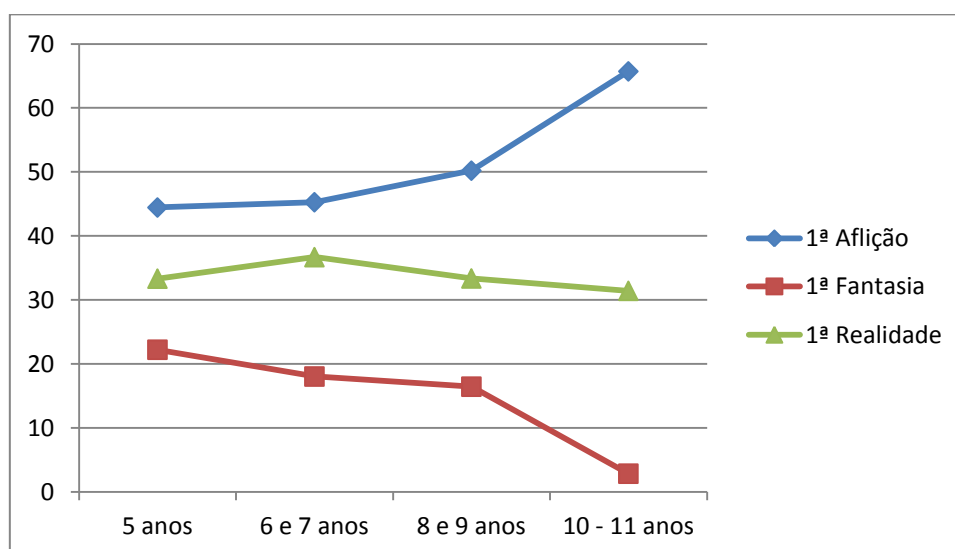
Cada par de gráficos é acompanhado pela descrição da “Tendência geral comum” de evolução das percentagens que é comum aos dois géneros, e pela descrição das “Diferenças gerais entre géneros” dessas percentagens. Estas diferenças relativas aos três parâmetros de resposta analisados em cada cartão são ainda resumidas em tabelas, que serão a base para a discussão, igualmente feita cartão a cartão. Apenas depois deste procedimento para o sétimo e último cartão é que será feita uma referência às diferenças encontradas em termos de tendências globais, considerando já todos os cartões conjuntamente.

As notas relacionadas com o agrupamento dos dados etários e com os critérios de identificação de diferenças adotados neste estudo estão disponíveis em anexo (ver Anexo II, página 78).

IV.3.1. Cartão I (PASSEIO)

Figura 1

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes



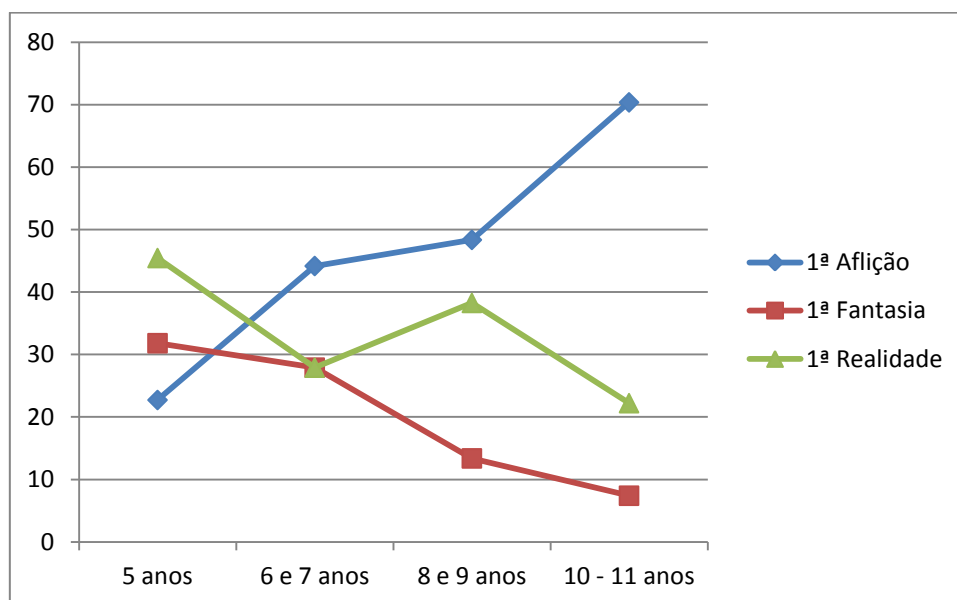
Com base nas figuras 1 e 2, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão I (PASSEIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Aumento da categoria Aflição com o avanço da idade, verificando-se algum destaque da sua predominância aos 10 e 11 anos. A categoria Fantasia é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma tendência decrescente da sua percentagem com a idade. A categoria Realidade tende a manter um valor percentual algo constante e superior ao da Fantasia em praticamente todas as faixas etárias.

Diferenças gerais entre géneros: As raparigas dos 5 aos 7 anos tendem ligeiramente a escolher mais a categoria Fantasia.

Figura 2

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas



Com base nas figuras 3 e 4, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão I (PASSEIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência para o crescimento da categoria Realidade com a idade, sendo a categoria predominante aos 10 e 11 anos. A categoria Aflição é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma ligeira tendência global decrescente da sua percentagem com a idade. A categoria Fantasia é uma das menos escolhidas aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: A categoria Realidade cresce e atinge valores mais altos mais cedo nos rapazes. A categoria Fantasia é mais escolhida pelas raparigas dos 5 aos 9 anos, sendo também uma das mais escolhidas por elas até aí.

Figura 3

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes

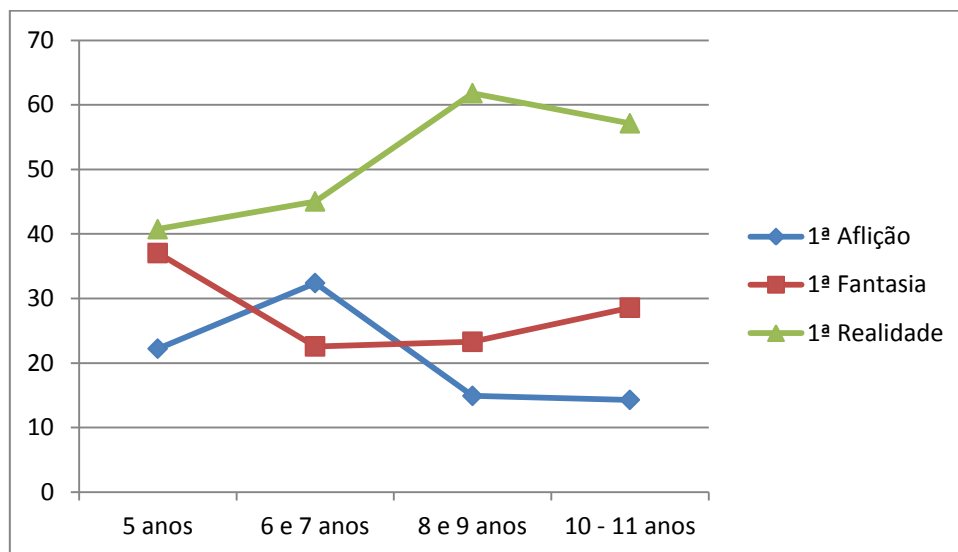
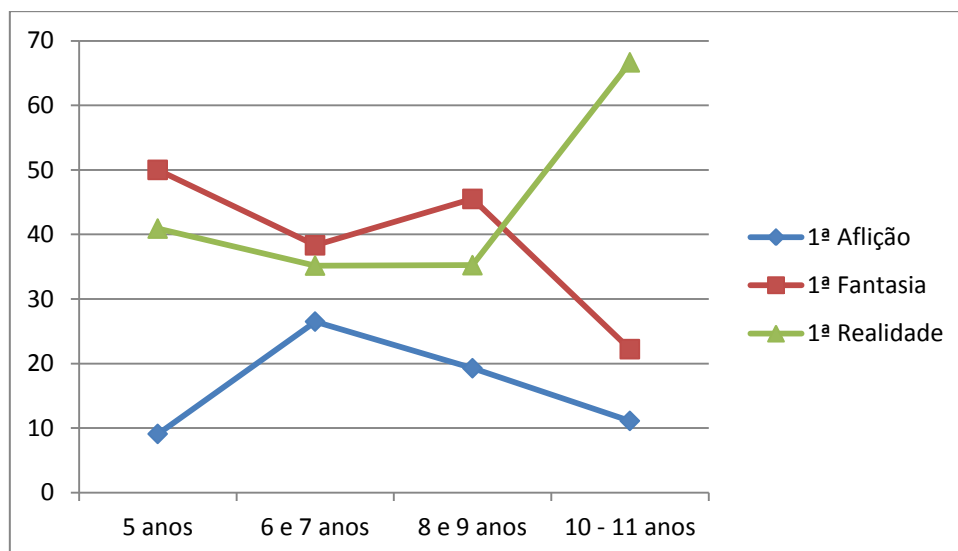


Figura 4

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas



Com base nas figuras 5 e 6, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão I (PASSEIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Crescimento acentuado da estratégia EAO que a levam a atingir níveis de predominância destacados aos 10 e 11 anos. A estratégia EEE é a menos utilizada e mantém uma percentagem constante com a idade. Decréscimo da

estratégia Impossibilidade com a idade. Aos 10 e 11 anos a Negação tende a estar mais próxima das estratégias menos escolhidas do que da estratégia EAO predominante.

Figura 5

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes

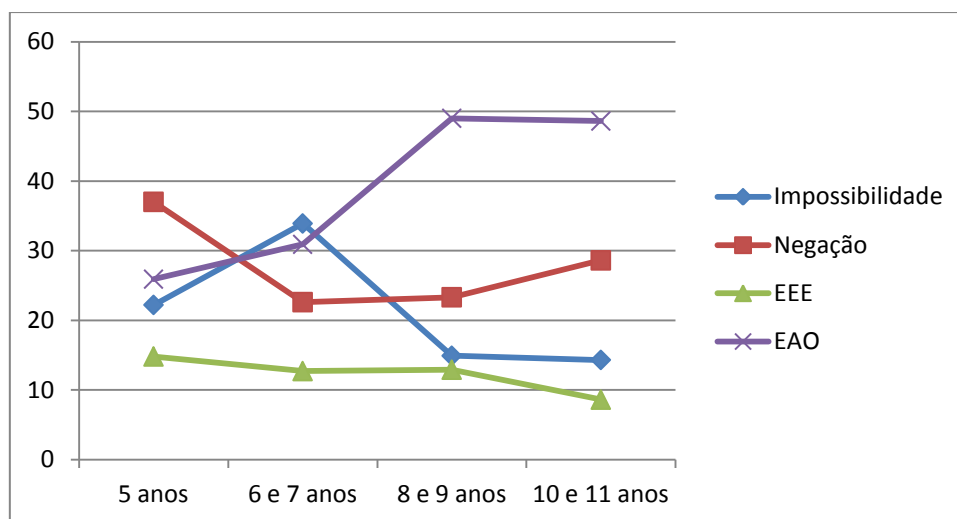
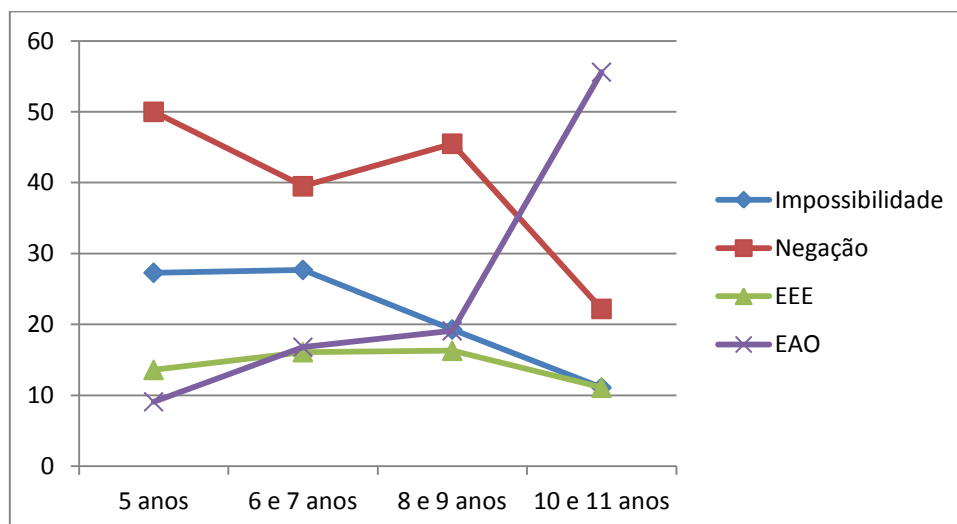


Figura 6

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas



Diferenças gerais entre géneros: O crescimento acentuado da estratégia EAO tem início mais cedo nos rapazes, atingindo neles valores mais elevados e de predominância mais cedo, sendo apenas igualados pelas raparigas aos 10 e 11 anos. As raparigas recorrem mais à estratégia Negação em praticamente todas faixas etárias. Nelas, a Negação é inclusivamente a estratégia dominante dos 5 aos 9 anos, verificando-se a partir daí uma

queda acentuada da sua percentagem, e uma aproximação aos valores dos rapazes. Nos rapazes a estratégia Negação tende para a constância ao longo das idades, com uma percentagem que é no entanto superior à da estratégia EEE, a menos escolhida de todas.

Quadro 2

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			
Categoria 3ª Posição	Realidade	Realidade	
Estratégia	EAO	EAO	

Quadro 3

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Fantasia		
Categoria 3ª Posição	Fantasia	Fantasia	
Estratégia	Negação	Negação	

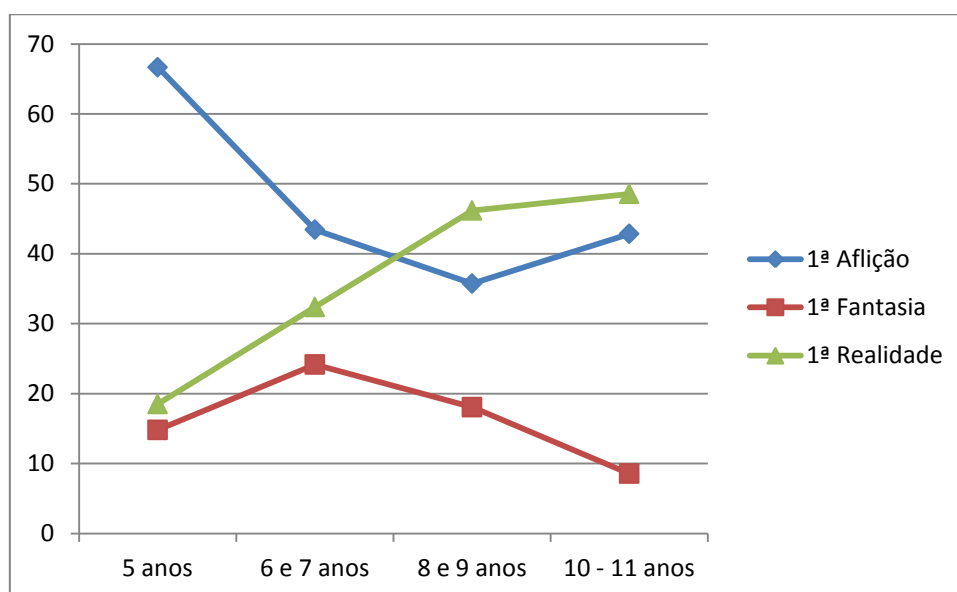
As diferenças encontradas no Cartão I (PASSEIO) estão resumidas nos quadros 2 e 3: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição) as raparigas dos 5 aos 7 anos tenderão mais para a experiência fantasiosa, pela qual podem procurar uma resolução da situação e/ou um afastamento dos sentimentos negativos; no movimento de desfecho emocional (3ª posição), dos 5 aos 9 anos as raparigas tenderão igualmente mais para a experiência fantasiosa, ao passo que os rapazes tenderão mais para a aceitação e esforço de resolução da realidade proposta no cartão; na modalidade de movimento interno global (estratégia), dos 5 aos 9 anos as raparigas tenderão mais para afastar a consciencialização dos aspetos perturbadores da situação, pela fantasia, ao passo que os rapazes tenderão mais para o reconhecimento da emoção negativa que traduz uma possibilidade de solução adaptativa.

O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de separação materna, em que estão implicadas a ansiedade de separação, o medo de abandono e/ou a ameaça de perda (Fagulha, 1993), tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, dos 5 aos 9 anos, e que os rapazes o fazem com maior maturidade. As raparigas tendem mais frequentemente à experiência fantasiosa, pela qual ficam afastadas da consciencialização do afeto perturbador, e pela qual podem procurar uma solução para a situação, ao passo que os rapazes vão conseguir mais frequentemente partir de um sentimento negativo para o encontro de uma solução adaptativa, pelo real.

IV.3.2. Cartão II (DOENÇA)

Figura 7

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes



Com base nas figuras 7 e 8, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão II (DOENÇA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência global para o crescimento da categoria Realidade com a idade, atingindo valores de predominância aos 10 e 11 anos. Tendência para a manutenção da categoria Aflição entre as mais escolhidas em praticamente todas as faixas etárias. A categoria Fantasia é a menos escolhida em todas as faixas etárias,

verificando-se ainda a tendência para um ligeiro decréscimo da sua percentagem com a idade, atingindo valores particularmente baixos aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: Não se verificam.

Figura 8

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas

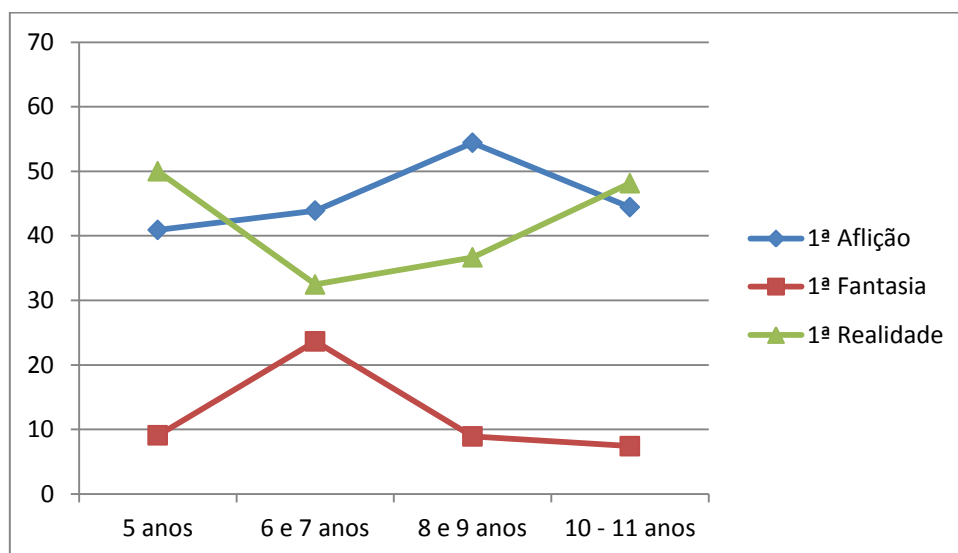
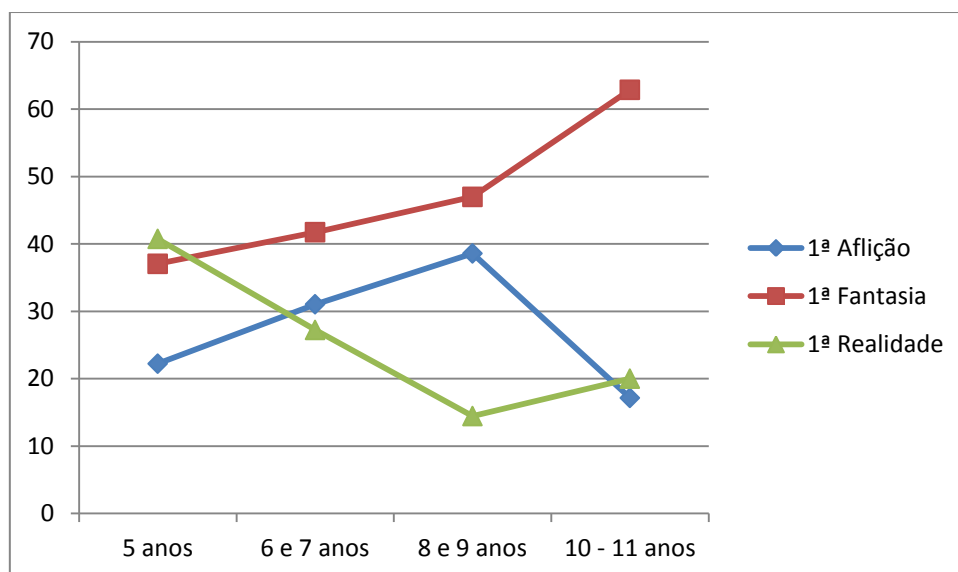


Figura 9

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes



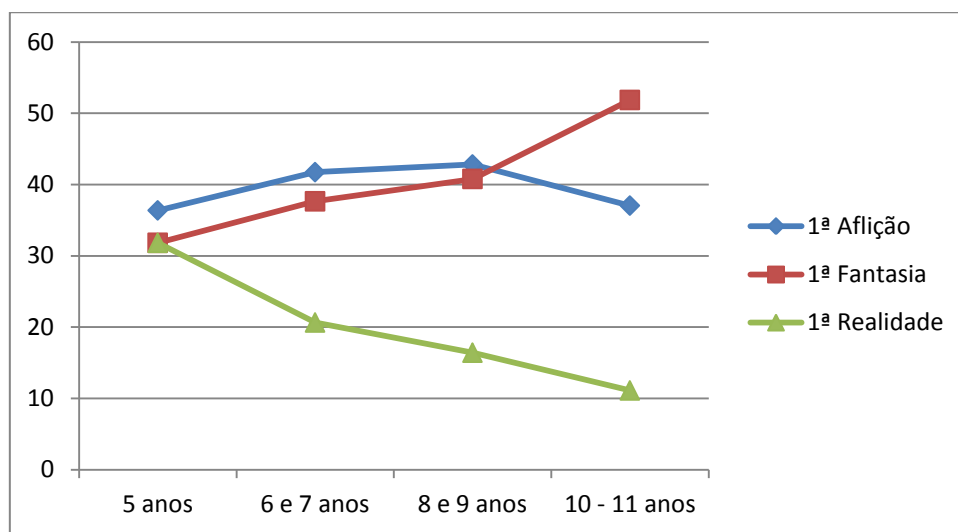
Com base nas figuras 9 e 10, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão II (DOENÇA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Aumento da percentagem da categoria Fantasia com a idade, sobretudo aos 10 e 11 anos, em que atinge uma predominância destacada. A categoria Realidade é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma certa tendência para o decréscimo da sua percentagem com a idade. A categoria Aflição tende a manter-se próxima das mais escolhidas dos 5 aos 9 anos, verificando-se a partir daí porém uma tendência decrescente da sua percentagem.

Diferenças gerais entre géneros: As raparigas escolhem mais a categoria Aflição em todas as faixas etárias. Os rapazes escolhem mais a categoria Fantasia em todas as faixas etárias, bem como a categoria Realidade em praticamente todas as faixas etárias.

Figura 10

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas



Com base nas figuras 11 e 12, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão II (DOENÇA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A estratégia Impossibilidade tende a ser predominante ao longo de praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma tendência decrescente aos 10 e 11 anos. A estratégia EEE tem um crescimento acentuado aos 10 e 11 anos, tornando-se aí a estratégia predominante. As estratégias EAO e Negação são as menos utilizadas, sobretudo a primeira. A Negação apresenta uma ligeira tendência decrescente aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: As raparigas utilizam mais a estratégia Impossibilidade em todas as faixas etárias. O decréscimo da categoria Impossibilidade aos 10 e 11 anos é mais acentuado nos rapazes, sendo nestes que a estratégia EEE atinge uma predominância mais destacada. O decréscimo da Negação aos 10 e 11 anos verifica-se sobretudo nas raparigas. Nessas idades os rapazes utilizam mais a Negação.

Figura 11

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes

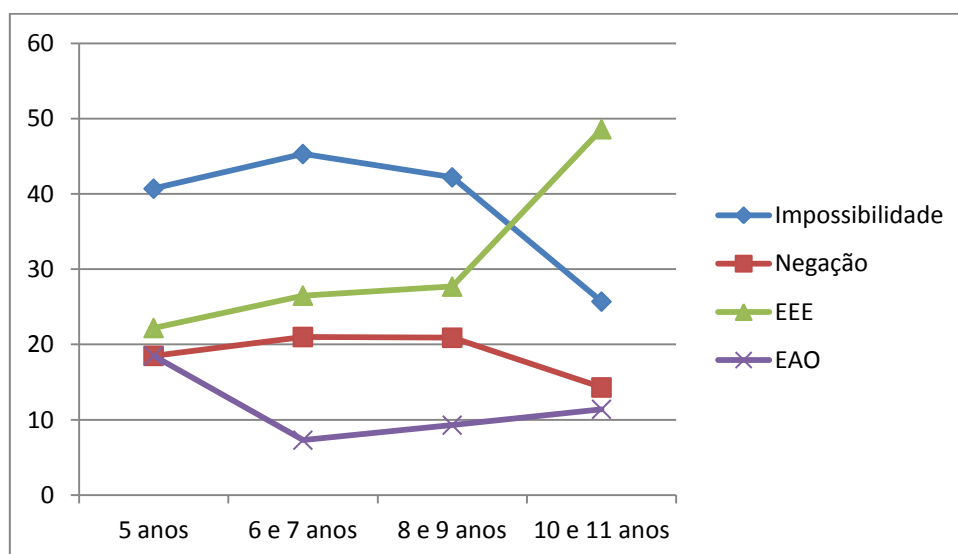
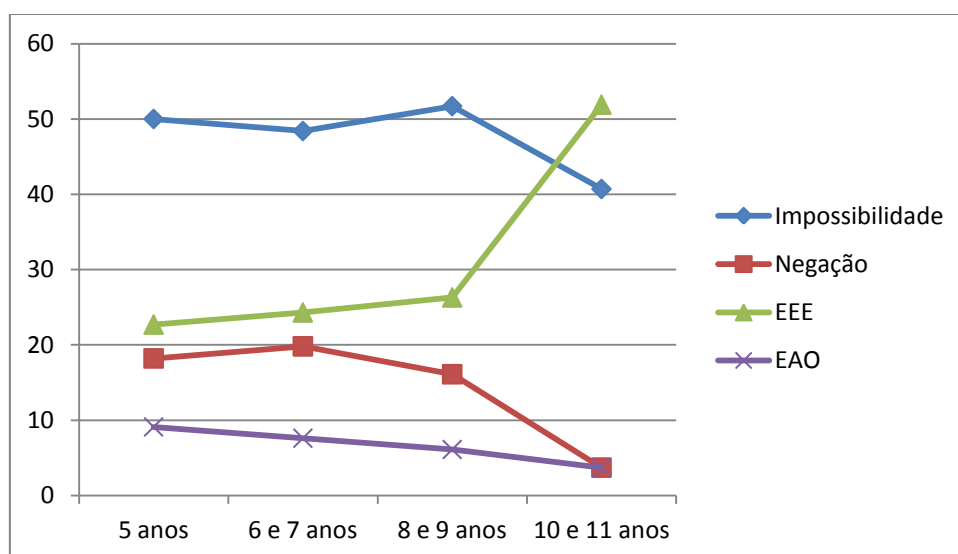


Figura 12

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas



Quadro 4

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			
Categoria 3ª Posição	Fantasia e Realidade	Fantasia	Fantasia e Realidade
Estratégia			Negação

Quadro 5

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			
Categoria 3ª Posição	Aflição	Aflição	Aflição
Estratégia	Impossibilidade	Impossibilidade	Impossibilidade

As diferenças encontradas no Cartão II (DOENÇA) estão resumidas nos quadros 4 e 5: no movimento de desfecho emocional (3ª posição) as raparigas em todas as faixas etárias tenderão mais para a experiência emocional de aflição, sofrimento ou outra reação negativa, ao passo que os rapazes tenderão mais para a experiência fantasiosa, pela qual acentuam o recebimento de afetos, a sua invulnerabilidade e/ou ainda a negação da sua afetação pela doença, e adicionalmente os de idades entre os 5 e os 7 anos e os de 10 aos 11 anos mais também para a aceitação ou esforço de resolução da realidade proposta no cartão; na modalidade de movimento interno global (estratégia), em todas as faixas etárias as raparigas tenderão mais para o reconhecimento da emoção negativa que não se traduz numa possibilidade de solução adaptativa, ao passo que os rapazes de 10 e 11 anos tenderão mais para se afastarem da consciencialização dos aspetos perturbadores da situação, pela fantasia.

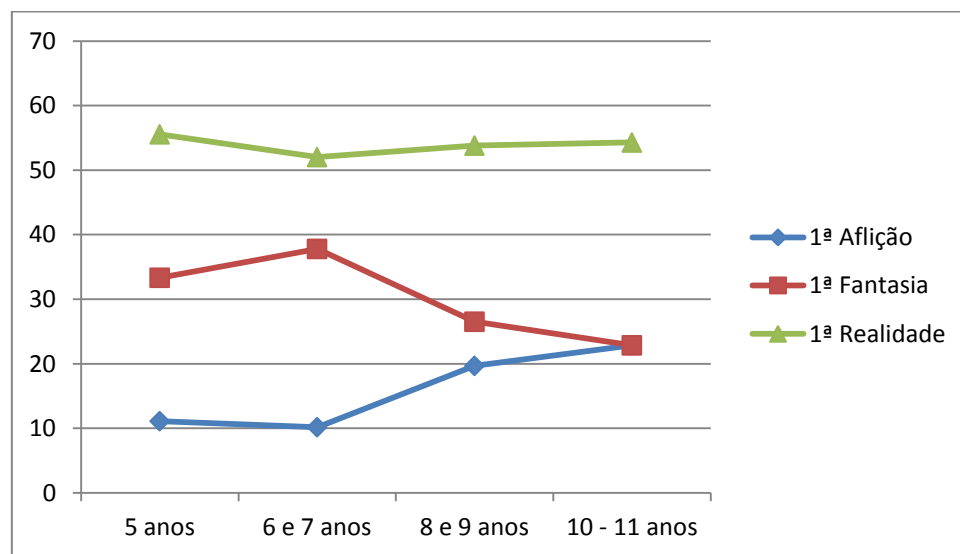
O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação do adoecer, em que a criança se confronta com ansiedades despertadas pelo medo da perda de integridade física ou até mesmo da vida, medo do sofrimento físico e da separação, que estão relacionados com expectativas afetivas ou sentimentos de culpa (Fagulha,

1993), tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, e adicionalmente que os rapazes o poderão eventualmente fazer com maior maturidade ou sentido adaptativo. As raparigas tendem mais frequentemente à experiência de aflição, sofrimento e outra reação negativa, da qual parecem não conseguir sair, ao passo que os rapazes tendem mais frequentemente para a experiência fantasiosa pela qual idealizam a sua força e recursos contra a doença, mais distantes do sofrimento com a situação. Não obstante, os rapazes de praticamente todas as faixas etárias tenderão mais frequentemente também para terminar a elaboração da situação na procura da sua aceitação ou esforço da sua resolução, pelo real, o que permite reconhecer alguma maior possibilidade adaptativa.

IV.3.3. Cartão III (PRAIA)

Figura 13

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão III (PRAIA), nos rapazes



Com base nas figuras 13 e 14, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão III (PRAIA), nos dois géneros, verifica-se:

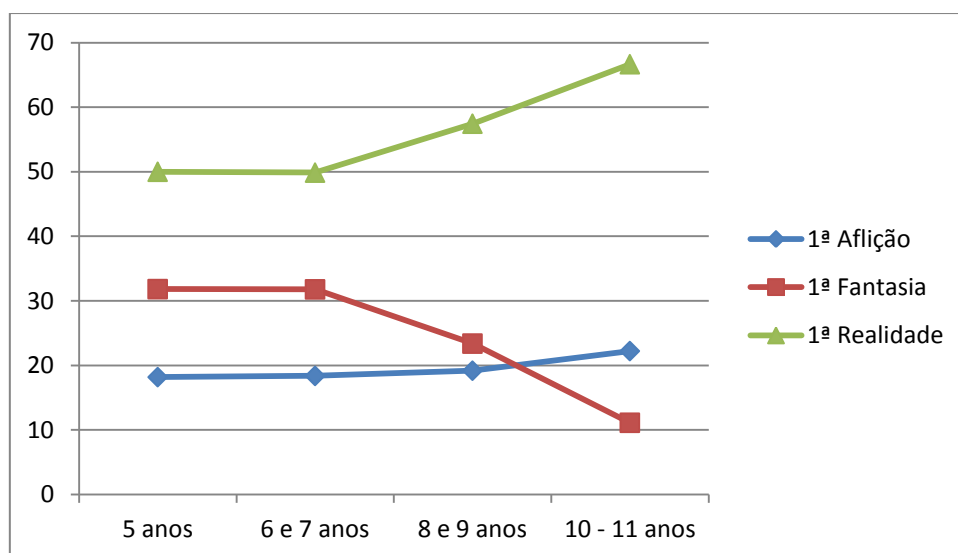
Tendência geral comum: Predominância da categoria Realidade em todas as faixas etárias, posição que ganha maior destaque com a idade. A categoria Aflição é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias. A categoria Fantasia tende a

decrecer com a idade, e aos 10 e 11 anos a sua percentagem equipara-se ou é mesmo inferior à da categoria Aflição.

Diferenças globais entre géneros: Nas raparigas parece haver uma tendência crescente da categoria Realidade com a idade, que leva a que seja mais escolhida e atinja um pico mais elevado e destacado de predominância aos 10 e 11 anos. As raparigas dos 5 aos 7 anos utilizam mais a categoria Aflição. A tendência decrescente das cenas de Fantasia verifica-se sobretudo nas raparigas aos 10 e 11 anos, sendo mais escolhidas pelos rapazes dessas idades.

Figura 14

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão III (PRAIA), nas raparigas



Com base nas figuras 15 e 16, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão III (PRAIA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência global para um decréscimo na escolha da categoria Fantasia e de Aflição, e para um aumento da escolha da categoria Realidade com a idade. A Fantasia é a categoria predominante dos 5 aos 7 anos, tendendo a ceder o seu lugar à categoria Realidade aos 10 e 11 anos. A categoria Aflição tende a ser a menos escolhida de todas, atingindo valores particularmente baixos aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: Os rapazes dos 5 aos 7 anos escolhem mais a categoria Realidade, enquanto as raparigas escolhem mais a categoria Aflição. Aos 10 e 11 anos a Fantasia decresce sobretudo nos rapazes, sendo neles que a predominância da categoria Realidade atinge maior destaque.

Figura 15

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão III (PRAIA), nos rapazes

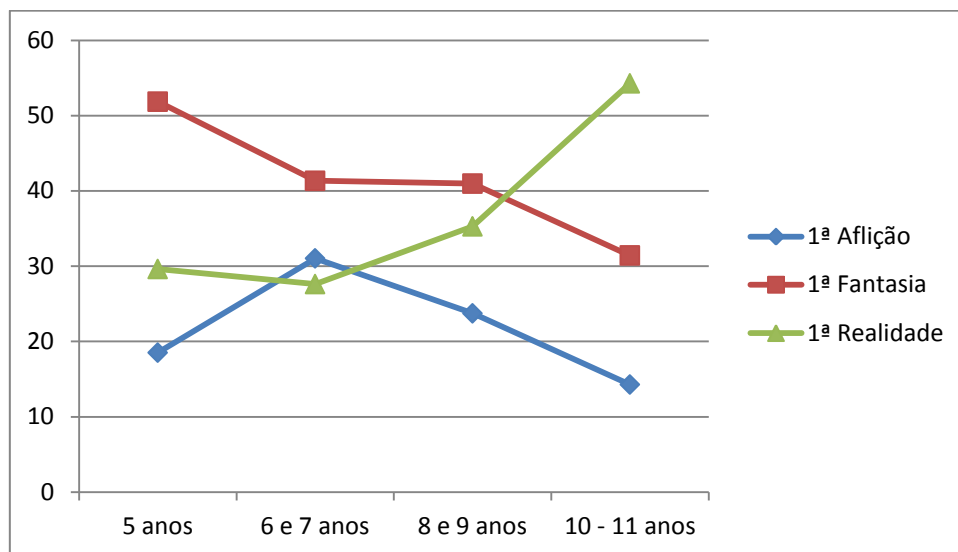
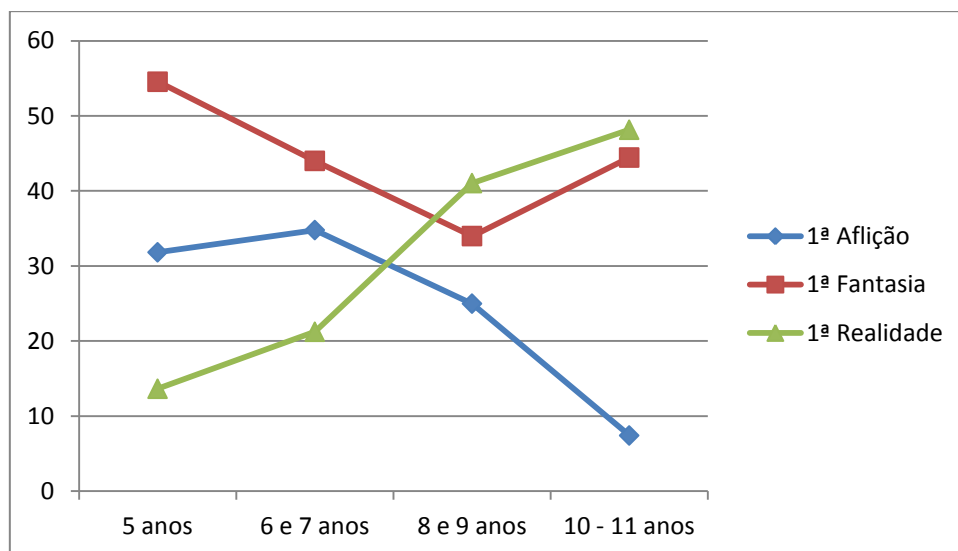


Figura 16

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão III (PRAIA), nas raparigas



Com base nas figuras 17 e 18, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão III (PRAIA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A estratégia EAO é a menos utilizada em praticamente todas as faixas etárias, mas tende para um crescimento ligeiro e constante com a idade. A estratégia Impossibilidade é uma das mais utilizadas dos 5 aos 9 anos, verificando-se a

partir daí uma queda acentuada da sua percentagem. A estratégia EEE é a mais utilizada em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma ligeira tendência para o seu crescimento com a idade, atingindo níveis de predominância destacada aos 10 e 11 anos. A estratégia Negação parece tender para uma certa constância ao longo das várias faixas etárias.

Diferenças gerais entre géneros: Não se verificam.

Figura 17

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão III (PRAIA), nos rapazes

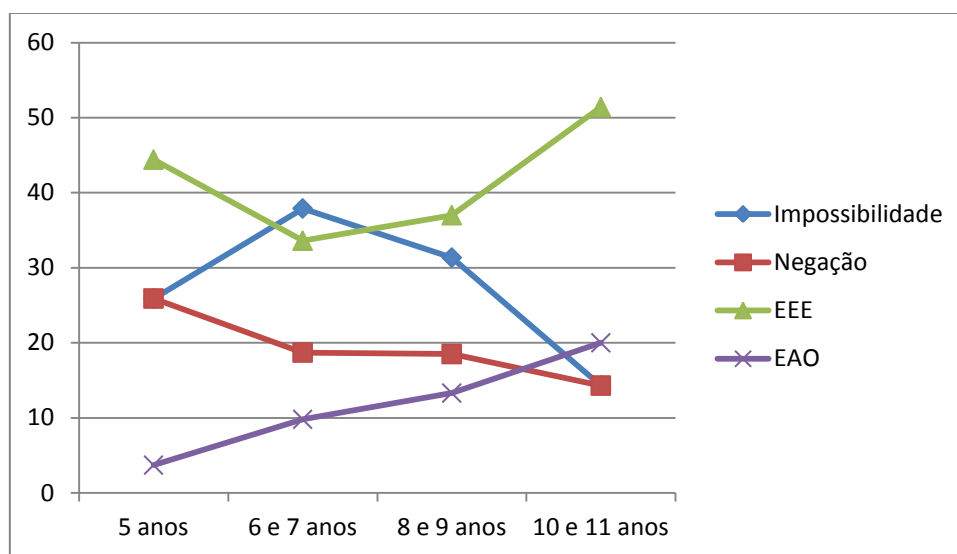
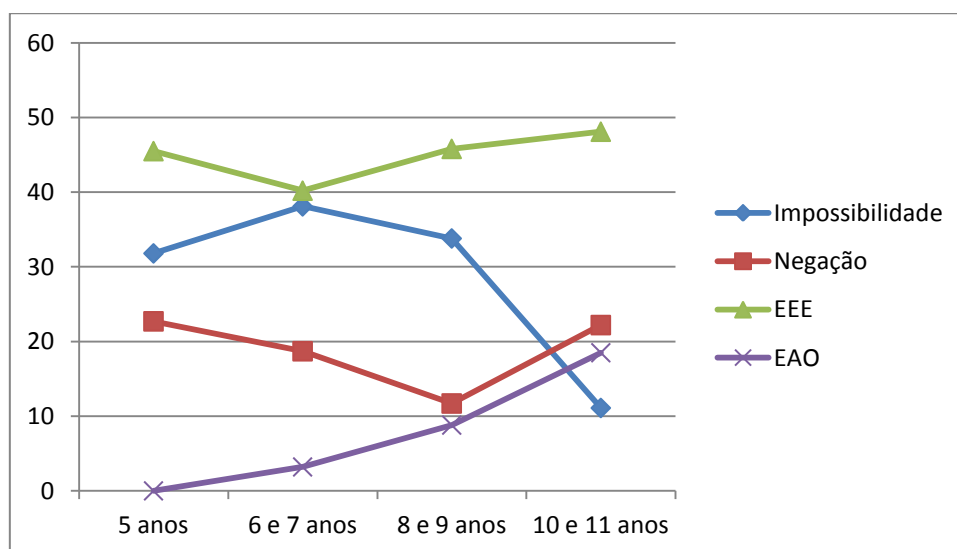


Figura 18

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão III (PRAIA), nas raparigas



Quadro 6

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão III (PRAIA), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			Fantasia
Categoria 3ª Posição	Realidade		
Estratégia			

Quadro 7

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão III (PRAIA), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Aflição		Realidade
Categoria 3ª Posição	Aflição		
Estratégia			

As diferenças encontradas no Cartão III (PRAIA) estão resumidas nos quadros 6 e 7: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição) as raparigas dos 5 aos 7 anos tenderão mais para a experiência emocional de aflição, medo, vergonha ou outra reação negativa, e as de 10 e 11 anos para aceitar, integrar-se e/ou desfrutar da realidade proposta no cartão, ao passo que os rapazes de 10 e 11 anos tenderão mais para a experiência fantasiosa de superioridade; no movimento de desfecho emocional (3ª posição) as raparigas dos 5 aos 7 anos tenderão mais para a experiência emocional de aflição, medo, vergonha ou outra reação negativa, ao passo que os rapazes das mesmas idades tenderão mais para aceitar, integrar-se e/ou desfrutar da realidade proposta no cartão.

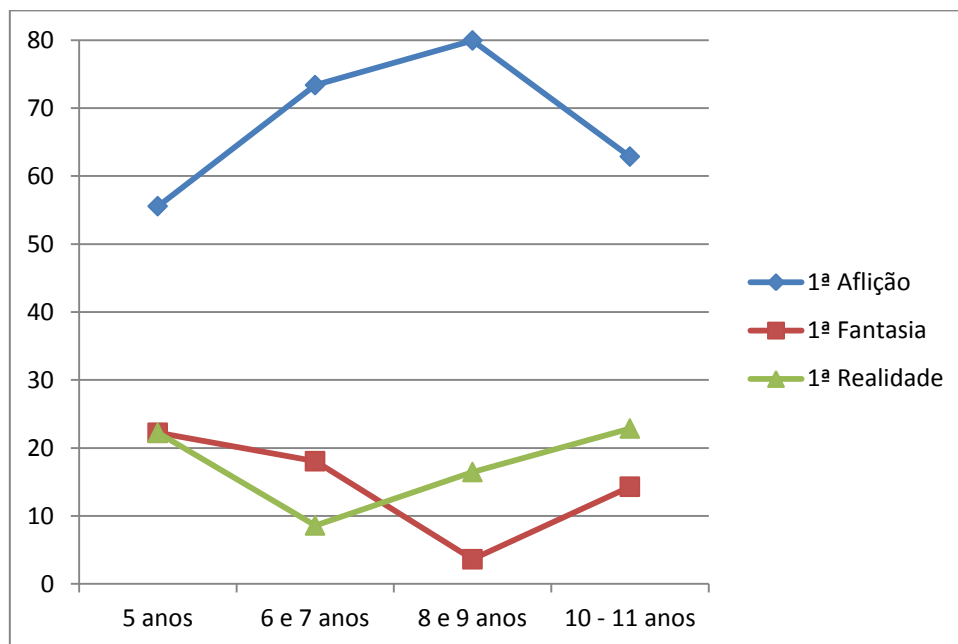
O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de convívio com os pares, que envolve sentimentos e expectativas de aceitação/rejeição, gosto e capacidade de estar e brincar em grupo e pelas relações, tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, sendo vivida pelas raparigas dos 5 aos 7 anos como menos agradável, desejada, ou mais ameaçadora, e mais pelas de 10 e 11 anos como constituindo uma realidade agradável e em que se sentem bem. As raparigas dos 5 aos 7

anos tendem mais frequentemente a experienciar negativamente esta situação, evitando-a, antecipando acontecimentos negativos ou agindo contra a situação perturbadora. Aos 10 e 11 anos as raparigas tendem já mais para a aceitação, integração e prazer com a situação, ao passo que os rapazes tendem mais para se fantasiar numa posição de destaque e superioridade.

IV.3.4. Cartão IV (PESADELO)

Figura 19

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes



Com base nas figuras 19 e 20, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão IV (PESADELO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Predominância destacada da categoria Aflição em todas as faixas etárias. A percentagem da categoria Fantasia e Realidade tende a manter valores próximos e baixos ao longo das várias faixas etárias.

Diferenças gerais entre géneros: Os rapazes dos 5 aos 7 anos utilizam mais a categoria Fantasia, enquanto as raparigas da mesma idade utilizam mais a categoria Realidade.

Figura 20

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas

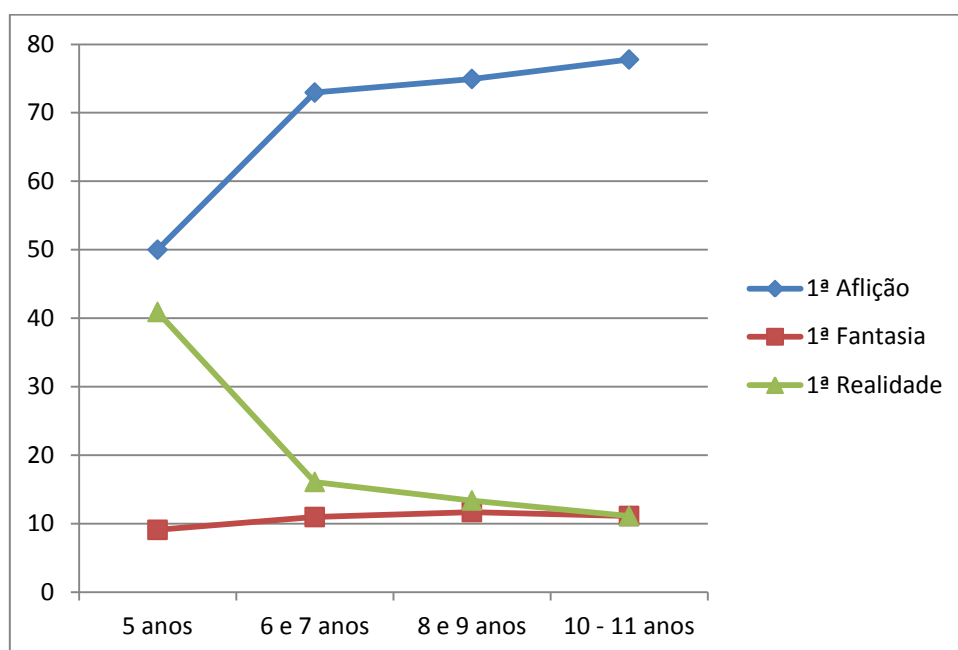
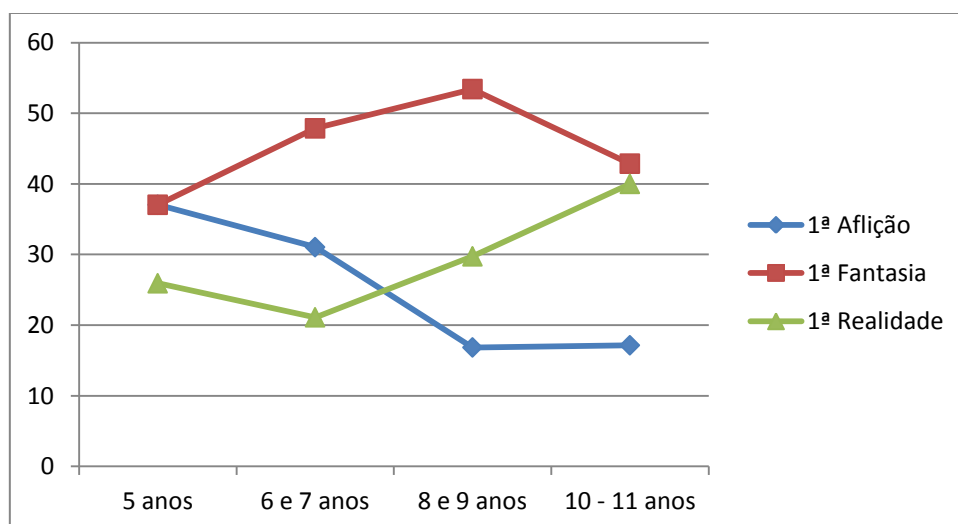


Figura 21

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes



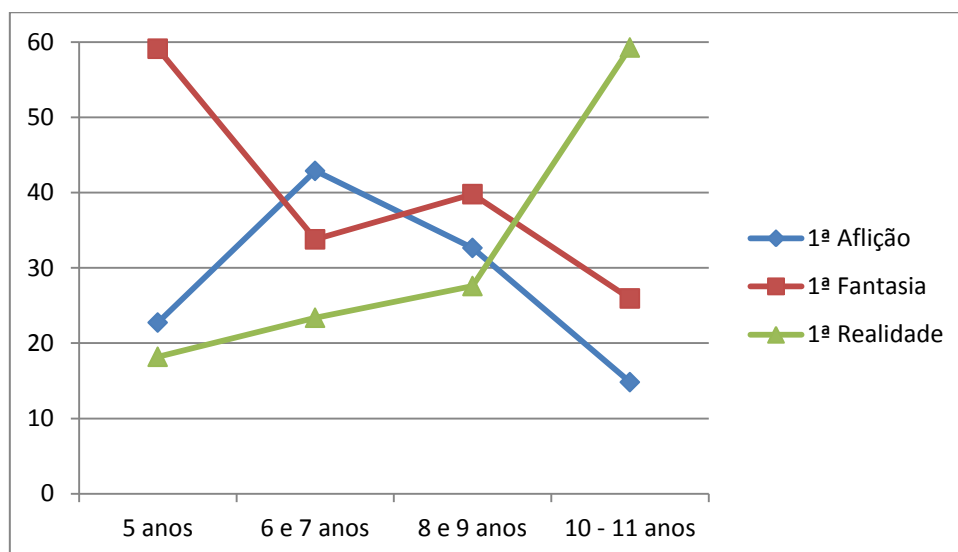
Com base nas figuras 21 e 22, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão IV (PESADELO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A categoria Fantasia tende a estar entre as mais escolhidas em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se um decréscimo da sua percentagem aos 10 e 11 anos. A categoria Realidade tende a crescer com a idade, atingindo valores de predominância aos 10 e 11 anos. A categoria Aflição decresce com a idade, sendo a menos escolhida aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: Os rapazes escolhem mais a categoria Fantasia em praticamente todas as faixas etárias, sendo neles a categoria tendencialmente predominante. As raparigas aos 10 e 11 anos escolhem mais a categoria Realidade, categoria predominante com claro destaque. O decréscimo da categoria Aflição tem lugar mais cedo nos rapazes, levando a que estes escolham menos esta categoria dos 5 aos 9 anos, a partir de onde atinge já valores idênticos aos das raparigas.

Figura 22

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas



Com base nas figuras 23 e 24, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão IV (PESADELO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A estratégia EEE é a mais utilizada em praticamente todas as faixas etárias. Tendência de crescimento da estratégia EAO com a idade, tornando-se numa das estratégias mais utilizadas aos 10 e 11 anos. Tendência global para o decréscimo das estratégias Negação e Impossibilidade com a idade.

Diferenças gerais entre gêneros: O crescimento da estratégia EAO com a idade parece verificar-se mais cedo nas raparigas, sendo mais utilizada por elas dos 5 aos 9 anos, a partir de onde se equipara com a utilização pelos rapazes. O decréscimo da estratégia Negação é constante ao longo das idades e é mais acentuado nas raparigas, verificando-se que os rapazes utilizam mais esta categoria aos 10 e 11 anos. A tendência para o decréscimo da estratégia Impossibilidade é mais acentuada nos rapazes, atingindo valores mais baixos aos 10 e 11 anos, verificando-se que as raparigas dessas idades utilizam mais essa estratégia.

Figura 23

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes

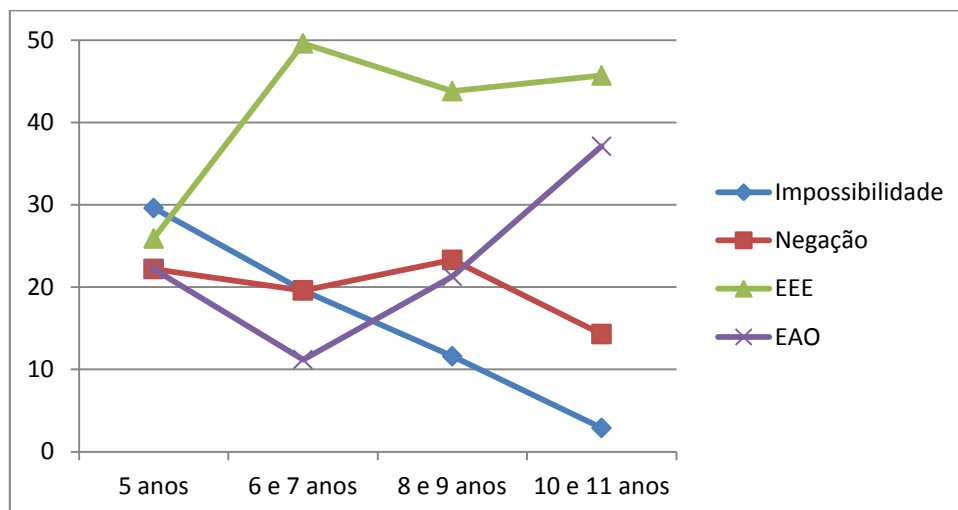
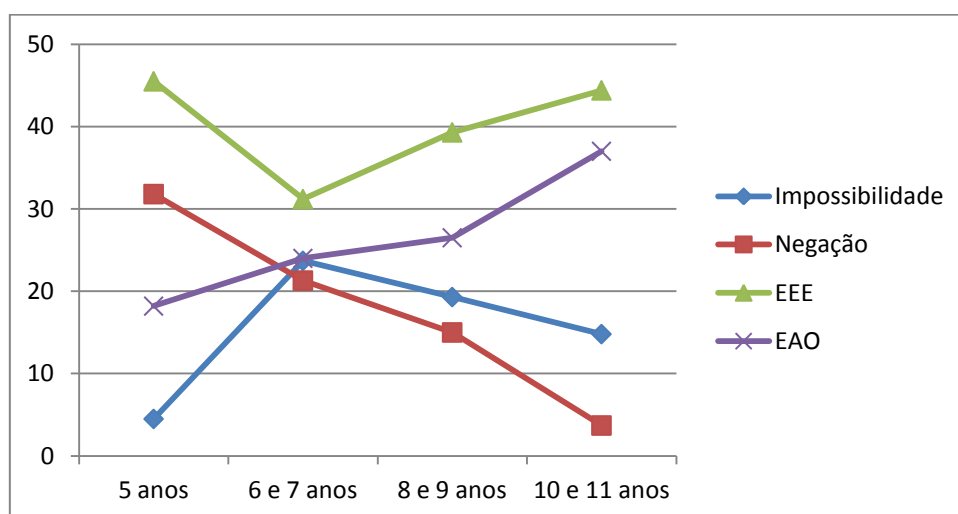


Figura 24

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas



Quadro 8

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Fantasia		
Categoria 3ª Posição	Fantasia	Fantasia	Fantasia
Estratégia			Negação

Quadro 9

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Realidade		
Categoria 3ª Posição	Aflição	Aflição	Realidade
Estratégia	EAO	EAO	Impossibilidade

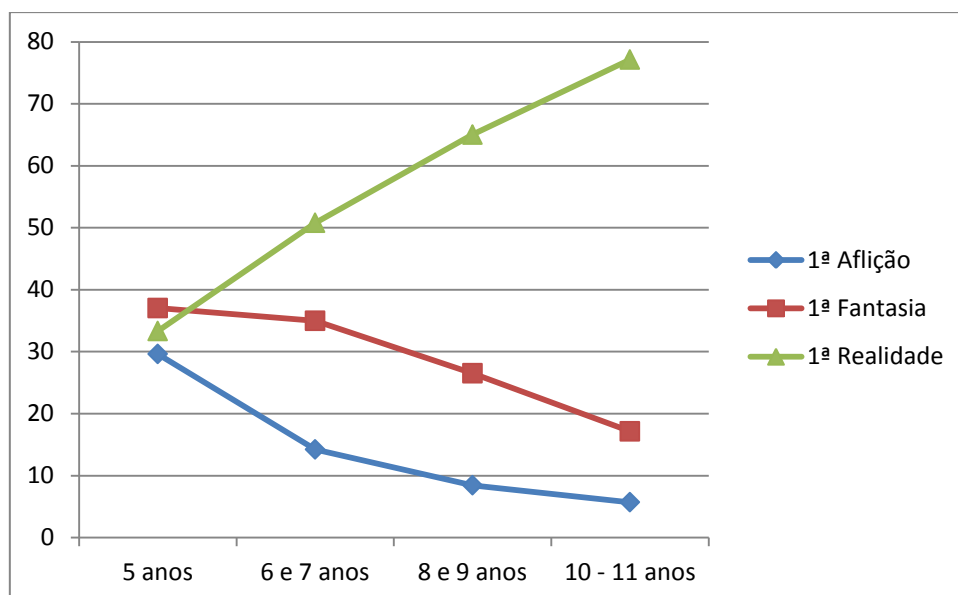
As diferenças encontradas no Cartão IV (PESADELO) estão resumidas nos quadros 8 e 9: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição) os rapazes dos 5 aos 7 anos tenderão mais para a experiência fantasiosa, que poderá significar uma fuga ao aspeto crítico do cartão e/ou um meio pelo qual eles possam atuar e enfrentá-lo/solucioná-lo, ao passo que as raparigas das mesmas idades tenderão mais para a aceitação ou esforço de resolução da realidade proposta no cartão, pelo real; no movimento de desfecho emocional (3ª posição) os rapazes de todas as idades tenderão mais novamente para a experiência fantasiosa, ao passo que as raparigas dos 5 aos 9 anos tenderão mais para a experiência emocional de aflição, e as de 10 e 11 anos para a aceitação ou esforço de resolução da realidade proposta no cartão; na modalidade de movimento interno global (estratégia), dos 5 aos 9 anos as raparigas tenderão mais para o reconhecimento do afeto negativo com a situação que se traduz numa possibilidade de solução adaptativa, e aos 10 e 11 anos mais para o reconhecimento desse afeto negativo mas que não conduz a uma possibilidade de solução adaptativa, ao passo que os rapazes aos 10 e 11 anos tenderão mais para afastarem da consciência os aspetos perturbadores da situação, pela fantasia.

O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de pesadelo, que a par dos terrores noturnos ou do medo do escuro constituem experiências ansiogénicas comuns no desenvolvimento infantil (Fagulha, 1993), é elaborada de forma diferente consoante o género, e eventualmente com maior maturidade pelas raparigas. Os rapazes vão tender mais frequentemente para a experiência fantasiosa, pela qual atuam para resolver a situação, e nomeadamente aos 10 e 11 anos pela qual afastam a consciencialização da sua afetação com a situação. As raparigas dos 5 aos 9 anos vão tender mais frequentemente quer para terminar a elaboração da experiência com um sentimento negativo, quer para conseguir partir desse sentimento para o encontro de uma solução adaptativa. Aos 10 e 11 anos as raparigas tendem mais frequentemente quer para terminar a elaboração da situação com a aceitação ou esforço de resolução da realidade proposta, pelo real, quer para não conseguir atingir uma solução adaptativa a partir de um sentimento negativo.

IV.3.5. Cartão V (ANIVERSÁRIO)

Figura 25

Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes



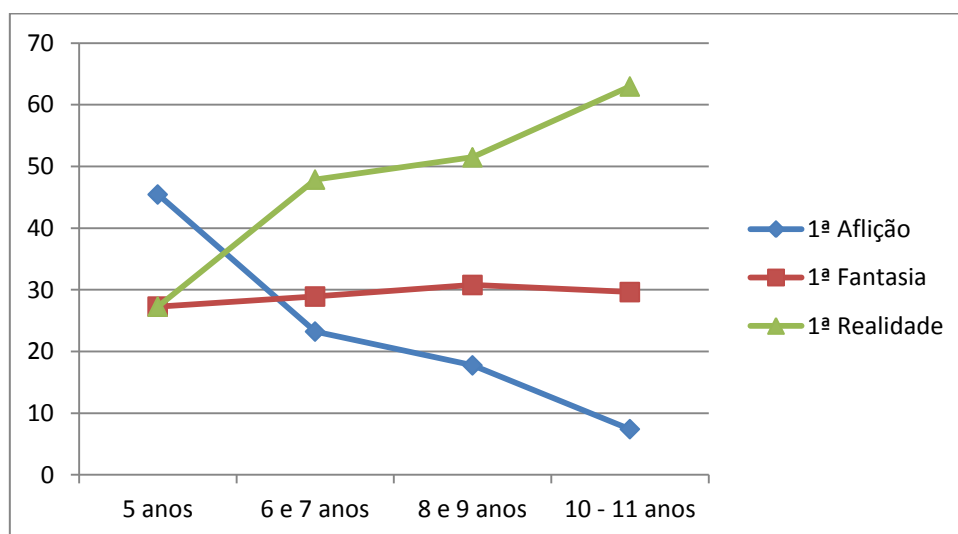
Com base nas figuras 25 e 26, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência para o crescimento da categoria Realidade e da sua posição enquanto escolha predominante destacada com a idade. Tendência para o decréscimo da categoria Aflição com a idade, sendo esta a categoria menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias. Apesar de mais elevada, a categoria Fantasia tende a manter valores mais próximos das cenas de Aflição.

Diferenças globais entre géneros: Nos rapazes a categoria Realidade cresce mais e mais cedo, sendo mais escolhida por eles aos 10 e 11 anos, onde atinge um pico de valores mais elevado e mais destacado. As raparigas escolhem mais a categoria Aflição dos 5 aos 9 anos, a partir de onde se aproximam dos valores dos rapazes. Os rapazes dos 5 aos 7 anos escolhem mais a categoria Fantasia, sendo que se verifica neles uma tendência para o decréscimo da escolha dessa categoria aos 10 e 11 anos, onde são as raparigas que a escolhem mais.

Figura 26

Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas



Com base nas figuras 27 e 28, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência para o crescimento da categoria Realidade com a idade, atingindo valores de predominância aos 10 e 11 anos. A categoria Fantasia é uma das mais escolhidas em praticamente todas as faixas etárias. Tendência para o decréscimo da categoria Aflição com a idade.

Diferenças globais entre géneros: Dos 5 aos 9 anos os rapazes escolhem mais a categoria Fantasia, e as raparigas mais a categoria Aflição. No entanto, aos 10 e 11 anos parece haver uma tendência para isto se inverter, com as raparigas a escolherem mais a categoria Fantasia, e os rapazes mais a categoria Aflição.

Figura 27

Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes

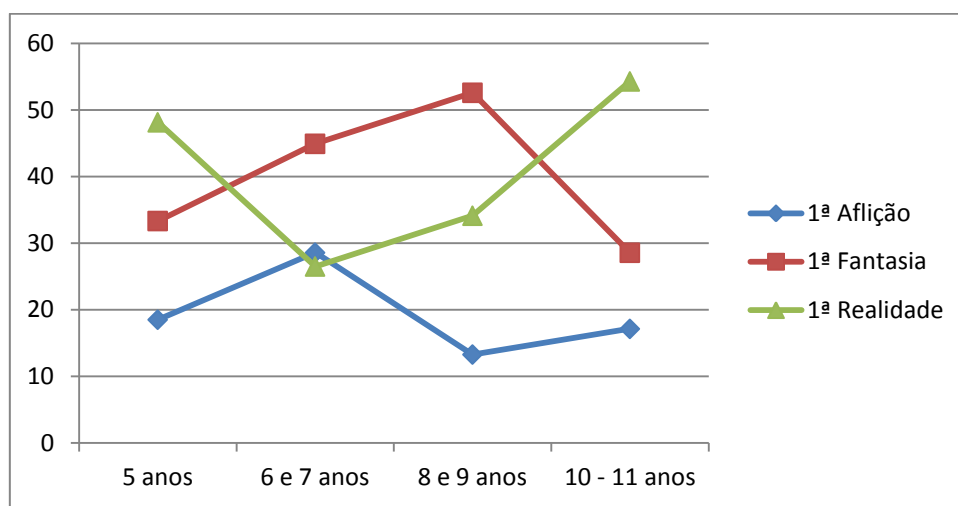
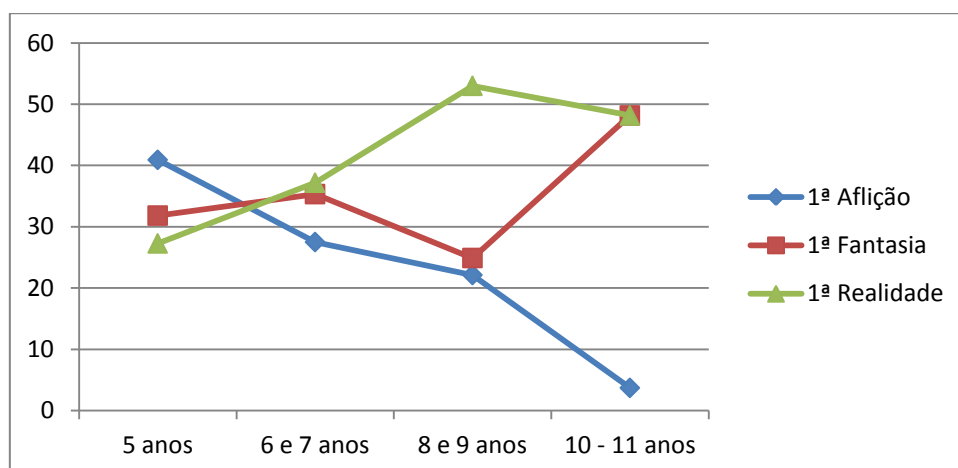


Figura 28

Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas



Com base nas figuras 29 e 30, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Verifica-se um crescimento acentuado da utilização da estratégia EEE com a idade, e da sua posição de predominância destacada. As estratégias de Impossibilidade e Negação tendem a decrescer ligeiramente com a idade. Globalmente a estratégia EAO é a menos utilizada, mantendo uma constância de valores percentuais praticamente residuais.

Figura 29

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes

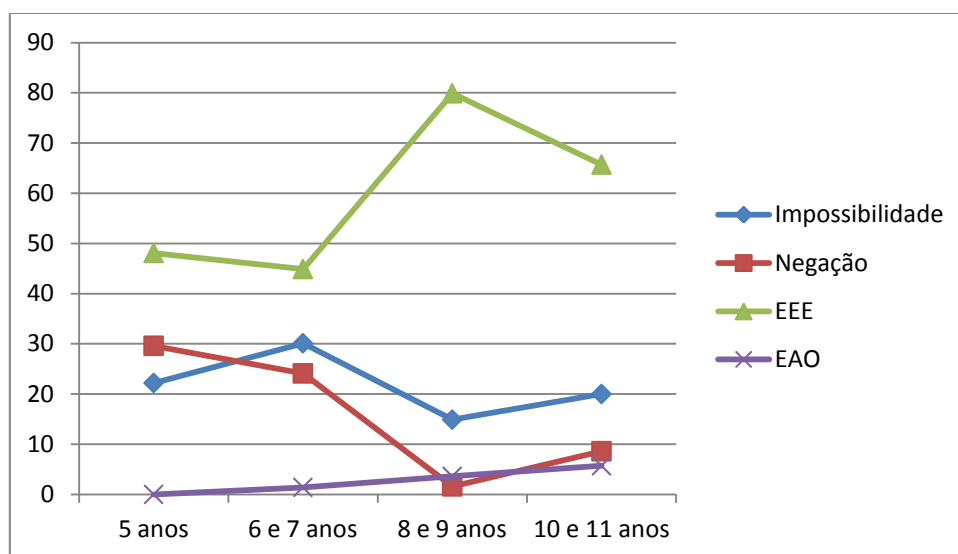
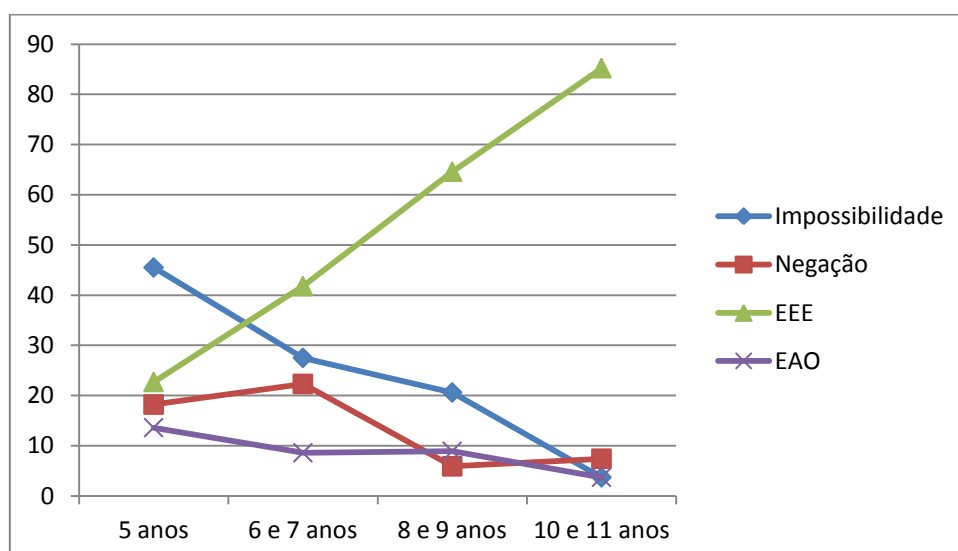


Figura 30

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas



Diferenças gerais entre gêneros: Dos 5 aos 9 anos os rapazes utilizam mais a estratégia EEE. Aos 10 e 11 anos os rapazes utilizam mais a estratégia Impossibilidade e as raparigas a estratégia EEE.

Quadro 10

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Fantasia		Realidade
Categoria 3ª Posição	Fantasia	Fantasia	Aflição
Estratégia	EEE	EEE	Impossibilidade

Quadro 11

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Aflição	Aflição	Fantasia
Categoria 3ª Posição	Aflição	Aflição	Fantasia
Estratégia			EEE

As diferenças encontradas no Cartão V (ANIVERSÁRIO) estão resumidas nos quadros 10 e 11: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição), os rapazes dos 5 aos 7 anos tenderão mais para fantasiar uma acentuação, sobrevalorização ou idealização da receção de afetos implicada na situação, e os de 10 e 11 anos mais para a aceitação dessa realidade agradável, ao passo que as raparigas dos 5 aos 9 anos tenderão mais para a experiência emocional de aflição, frustração ou indiferença, e as de 10 e 11 anos mais para fantasiar uma acentuação, sobrevalorização ou idealização da receção de afetos; no movimento de desfecho emocional (3ª posição) os rapazes dos 5 aos 9 anos tenderão mais para fantasiar uma acentuação, sobrevalorização ou idealização da receção de afetos, e os de 10 e 11 anos mais para a experiência emocional de aflição, frustração ou indiferença, ao passo que as raparigas dos 5 aos 11 anos tenderão mais para a experiência emocional de aflição, frustração ou indiferença, e as de 10 e 11 anos para

fantasiar uma acentuação, sobrevalorização ou idealização da receção de afetos; na modalidade de movimento interno global (estratégia), os rapazes dos 5 aos 9^a anos tenderão mais para alcançar uma experiência real positiva e adaptativa por meio do recurso à fantasia como facilitadora da elaboração da experiência negativa (EEE), e os de 10 e 11 anos para a experiência negativa que não se traduz numa possibilidade de solução adaptativa, ao passo que as raparigas de 10 e 11 anos tenderão mais para alcançar uma experiência real positiva e adaptativa por meio do recurso à fantasia como facilitadora da elaboração da experiência negativa (EEE).

O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de celebração do aniversário, em que, nomeadamente pelos presentes, a criança vai ser confrontada com as dádivas de amor que desejou e de que se sentiu despojada, e também com expectativas e medo de castigo e/ou decepções (Fagulha, 1993), tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, e vivida com satisfação e maior equilíbrio pelos rapazes dos 5 aos 9 anos, e pelas raparigas aos 10 e 11 anos. Dos 5 aos 9 anos as raparigas tendem mais frequentemente a viver negativamente esta experiência, ao passo que os rapazes tendem mais frequentemente para fantasiar e por aí atingirem uma melhor elaboração da situação. Aos 10 e 11 anos há porém uma inversão, passando as raparigas a fazer mais frequentemente esse uso proveitoso da estratégia fantasiosa, e os rapazes a terem uma vivência negativa que não conseguem solucionar.

IV.3.6. Cartão VI (Briga dos Pais)

Com base nas figuras 31 e 32, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1^a posição do Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A categoria Realidade é das mais escolhidas em praticamente todas as faixas etárias, apresentando uma tendência crescente dos 5 aos 9 anos, a partir de onde parece tender inversamente para o decréscimo. Crescimento da percentagem da categoria Aflição aos 10 e 11 anos. Decréscimo da categoria Fantasia algo constante com o avanço da idade, tornando-se a categoria menos escolhida aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: Os rapazes escolhem mais a categoria Realidade em todas as faixas etárias, sendo neles desde cedo a categoria predominante destacada. As raparigas escolhem mais a categoria Aflição em todas as faixas etárias, verificando-se nelas a ascensão desta categoria a posições predominantes aos 10 e 11 anos.

Figura 31

Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes

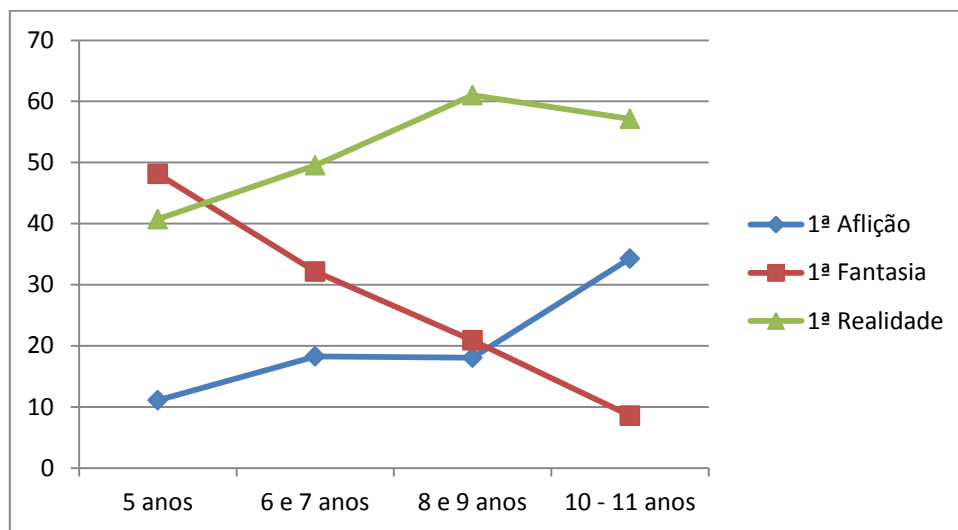
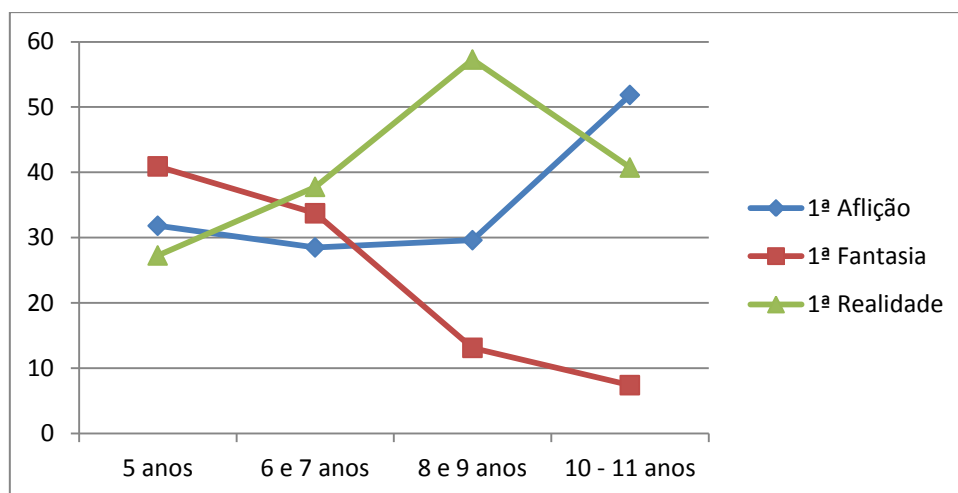


Figura 32

Percentagem da categoria em função da idade, 1ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas



Com base nas figuras 33 e 34, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A Fantasia é a categoria mais escolhida em todas as faixas etárias. A categoria Realidade é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias e a sua percentagem tende ligeiramente a decrescer com a idade. A categoria

Aflicção tende a crescer com a idade, mantendo-se próxima da categoria predominante Fantasia aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: As raparigas escolhem mais a categoria Realidade em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se sobretudo nos rapazes o decréscimo desta categoria aos 10 e 11 anos. Aos 10 e 11 anos os rapazes escolhem mais a categoria Fantasia e Aflicção.

Figura 33

Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes

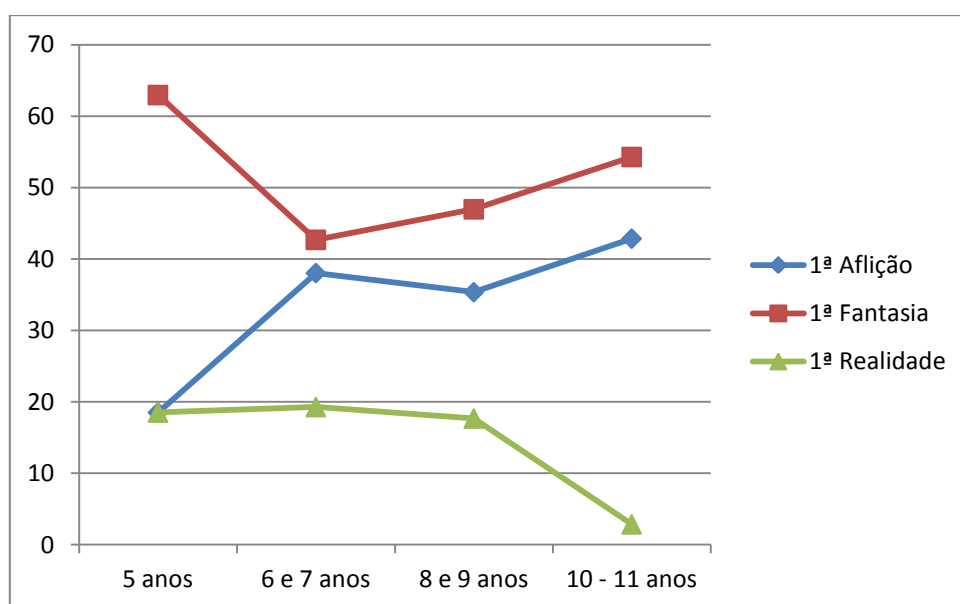
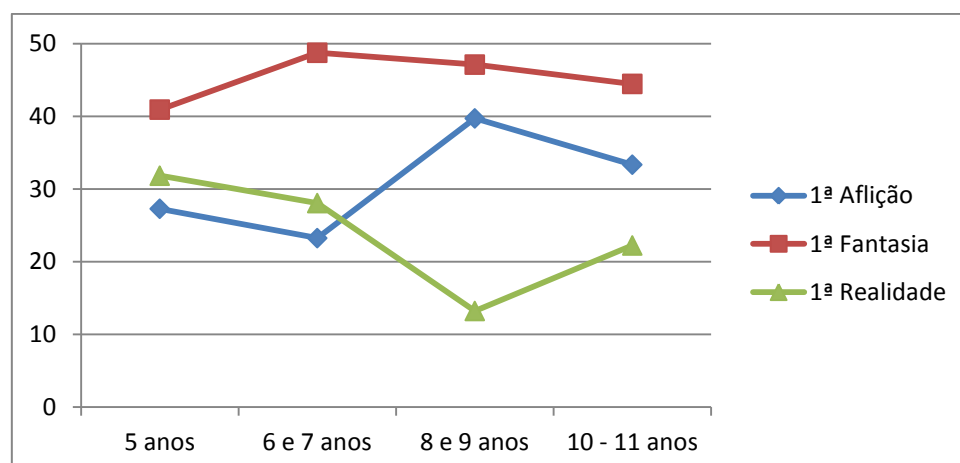


Figura 34

Percentagem da categoria em função da idade, 3ª posição, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas



Com base nas figuras 35 e 36, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A estratégia EEE é a mais utilizada em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se a tendência para o crescimento da sua percentagem com a idade e da sua predominância. Verifica-se a tendência para o crescimento da utilização da estratégia EAO com a idade, alcançando ou mesmo ultrapassando as percentagens da utilização das estratégias Impossibilidade e Negação, que tendem a decrescer com a idade, sobretudo a Negação.

Diferenças gerais entre géneros: Não se verificam diferenças a assinalar.

Figura 35

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes

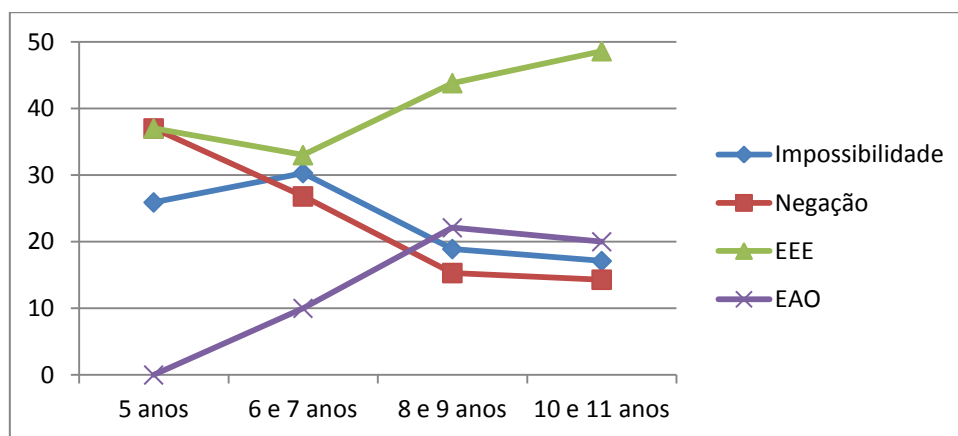
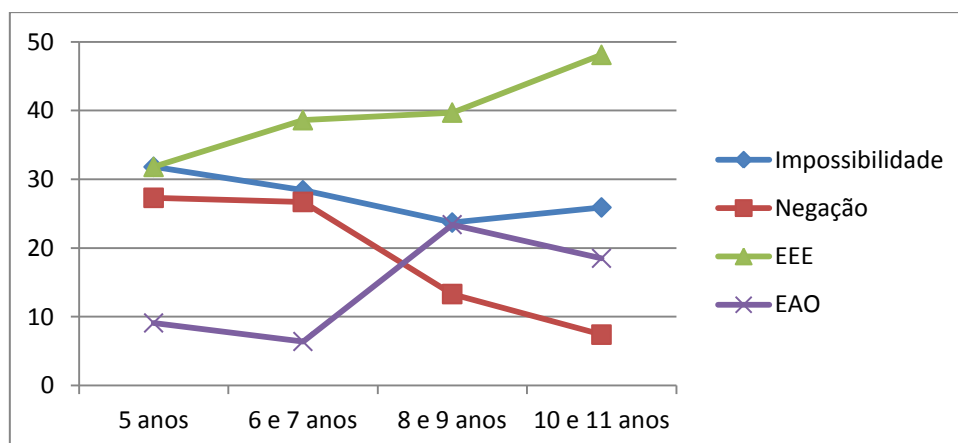


Figura 36

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas



Quadro 12

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Realidade	Realidade	Realidade
Categoria 3ª Posição			Fantasia e Aflição
Estratégia			

Quadro 13

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VI (BRIGA DOS PAIS), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Aflição	Aflição	Aflição
Categoria 3ª Posição	Realidade		Realidade
Estratégia			

As diferenças encontradas no Cartão VI (BRIGA DOS PAIS) estão resumidas nos quadros 35 e 36: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição), os rapazes de todas as idades tenderão mais para a aceitação ou esforço de resolução da realidade proposta no cartão, pelo real, ao passo que as raparigas tenderão mais para reconhecer e focar-se na sua experiência emocional negativa com a situação; no movimento de desfecho emocional (3ª posição) as raparigas de praticamente todas as idades tenderão mais para a aceitação ou esforço de resolução dessa realidade proposta no cartão, pelo real, ao passo que os rapazes de 10 e 11 anos tenderão mais quer para a experiência emocional aflitiva, quer para a experiência fantasiosa de fuga ao aspeto crítico do cartão, por meio ou não de conseguir a sua cessação.

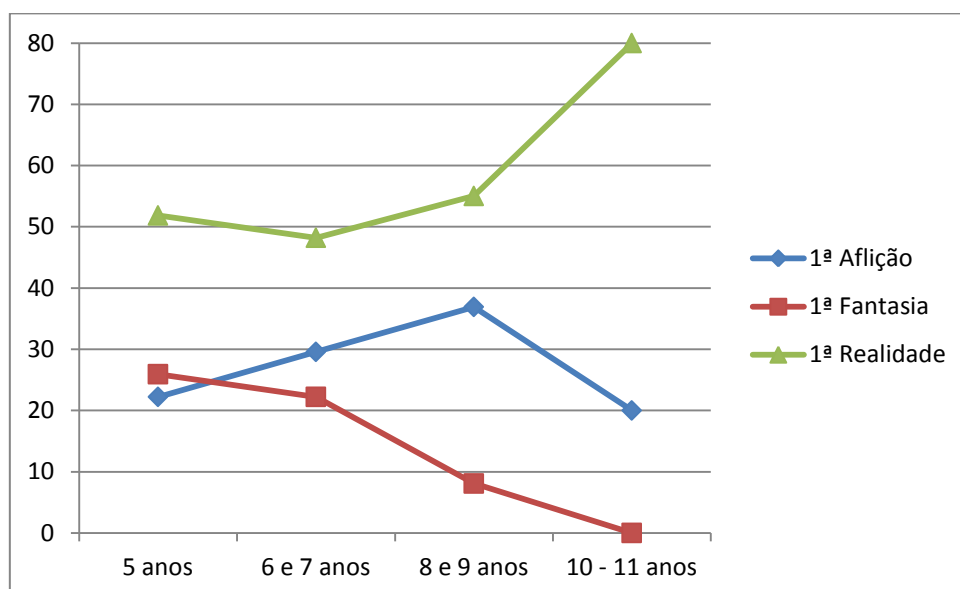
O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de conflito entre os pais, a que a criança assiste e que lhe desperta a ansiedade relacionada com o conflito entre o medo e o desejo de separação do casal, e com o grau da proximidade e possibilidade de distanciação da criança em relação ao mesmo (Fagulha, 1993), tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, e com maior maturidade pelas raparigas aos 10 e 11 anos. Os rapazes tenderão mais frequentemente a partir logo para

uma tentativa de resolução da situação, pelo real, ao passo que as raparigas tenderão mais para se sentirem afetadas pela situação. No entanto, as raparigas tenderão mais para procurar depois aceitar ou resolver a situação, pelo real, o que aos 10 e 11 anos contrasta com uma conclusão da experiência mais aflitiva ou fantasiosa e de refúgio mais frequente nos rapazes.

IV.3.7. Cartão VII (ESCOLA)

Figura 37

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes



Com base nas figuras 37 e 38, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 1ª posição do Cartão VII (ESCOLA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Aumento da percentagem da categoria Realidade com o avanço da idade, havendo maior destaque da sua predominância aos 10 e 11 anos. Tendência para um ligeiro decréscimo da categoria Aflição aos 10 e 11 anos. A categoria Fantasia é a menos escolhida em praticamente todas as faixas etárias, verificando-se uma tendência decrescente com a idade, atingindo valores praticamente residuais aos 10 e 11 anos.

Diferenças gerais entre géneros: Os rapazes escolhem mais a categoria Realidade em praticamente todas as faixas etárias, sendo para estes a categoria predominante em todas as idades. Nas raparigas dos 5 aos 7 anos, as categorias Fantasia e Aflição ainda estão

entre as mais escolhidas. As raparigas de 10 e 11 anos escolhem ligeiramente mais a categoria Aflição.

Figura 38

Percentagem da categoria em função da idade, na 1ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas

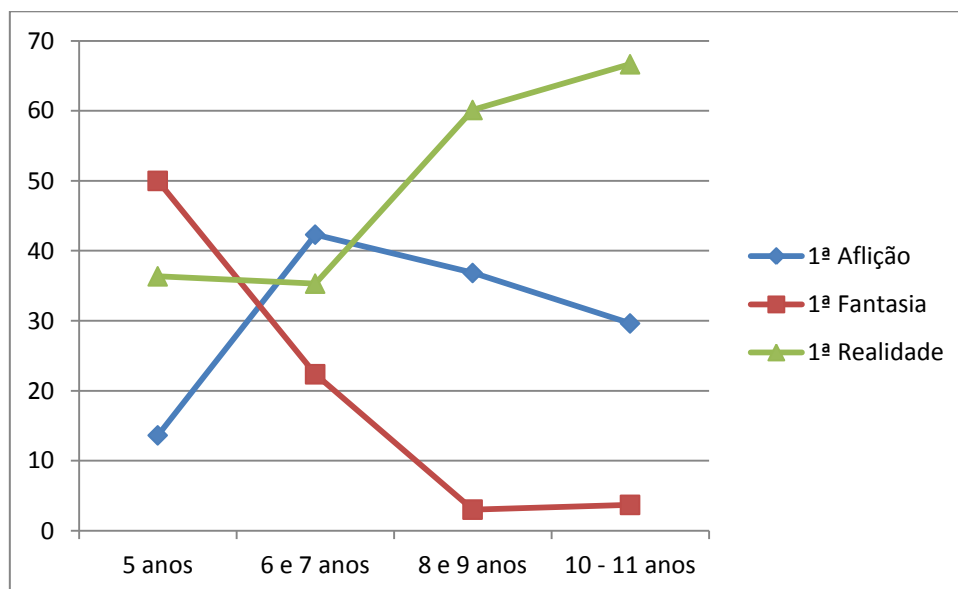
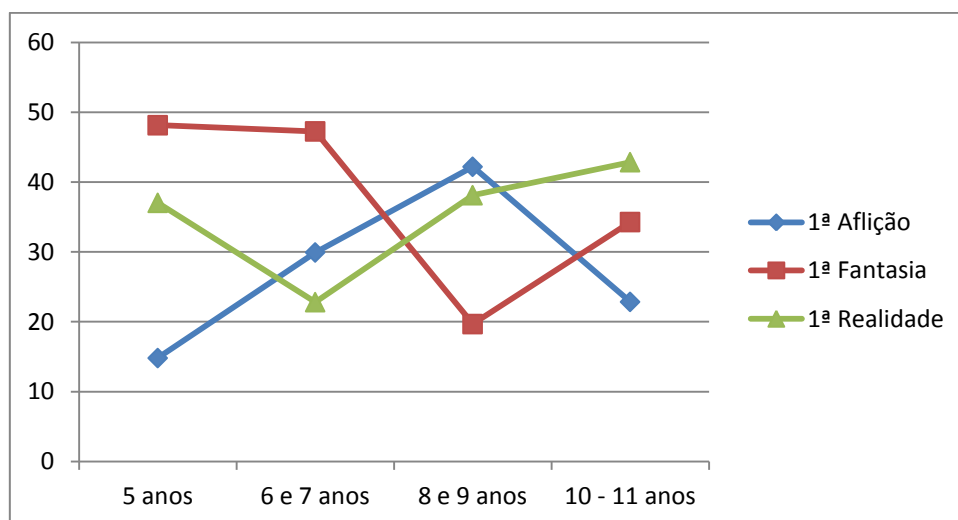


Figura 39

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes



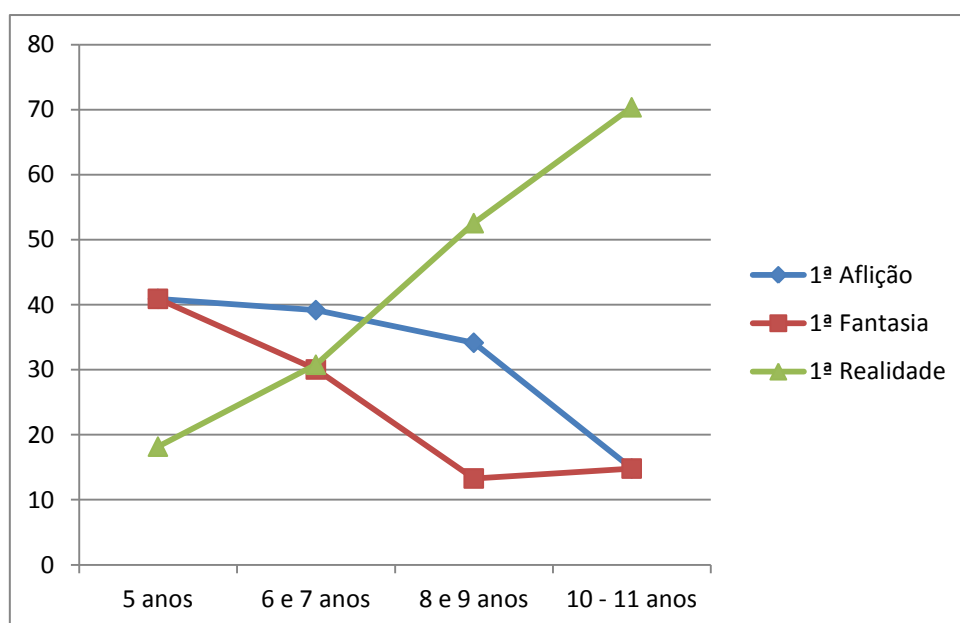
Com base nas figuras 39 e 40, referentes à percentagem da categoria escolhida em função da idade, na 3ª posição do Cartão VII (ESCOLA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: Tendência para o crescimento da categoria Realidade com a idade, atingindo valores de predominância aos 10 e 11 anos. Decréscimo da categoria Fantasia com a idade, passando da posição de uma das categorias mais escolhidas para uma das menos escolhidas. A categoria Aflição decresce algo acentuadamente aos 10 e 11 anos, atingindo o patamar de categoria menos escolhida.

Diferenças gerais entre géneros: A categoria Realidade cresce mais e mais cedo nas raparigas, levando a que nestas atinja valores de predominância destacados e mais elevados em praticamente todas as faixas etárias. Os rapazes escolhem mais a categoria Fantasia em todas as faixas etárias. As raparigas dos 5 aos 7 anos escolhem mais a categoria Aflição. Os rapazes aos 10 e 11 anos escolhem mais a categoria Aflição.

Figura 40

Percentagem da categoria em função da idade, na 3ª posição, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas



Com base nas 41 e 42, referentes à percentagem da estratégia utilizada em função da idade, no Cartão VII (ESCOLA), nos dois géneros, verifica-se:

Tendência geral comum: A estratégia Impossibilidade é uma das mais utilizadas dos 5 aos 9 anos, verificando-se a partir daí uma queda acentuada da sua percentagem. A utilização da estratégia EAO tende a crescer acentuadamente com a idade, atingindo valores de predominância aos 10 e 11 anos. A estratégia Negação tende globalmente a

decrecer com a idade. A estratégia EEE é a menos utilizada em praticamente todas as faixas etárias, mantendo valores percentuais baixos.

Diferenças gerais entre gêneros: O crescimento da estratégia EAO é mais acentuado nas raparigas, atingindo nelas valores mais altos mais cedo, e uma predominância mais destacada aos 10 e 11 anos. Os rapazes utilizam mais a estratégia Negação em todas as faixas etárias. As raparigas dos 5 aos 7 anos utilizam mais a estratégia Impossibilidade. Os rapazes aos 10 e 11 anos utilizam mais a estratégia Impossibilidade.

Figura 41

Percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes

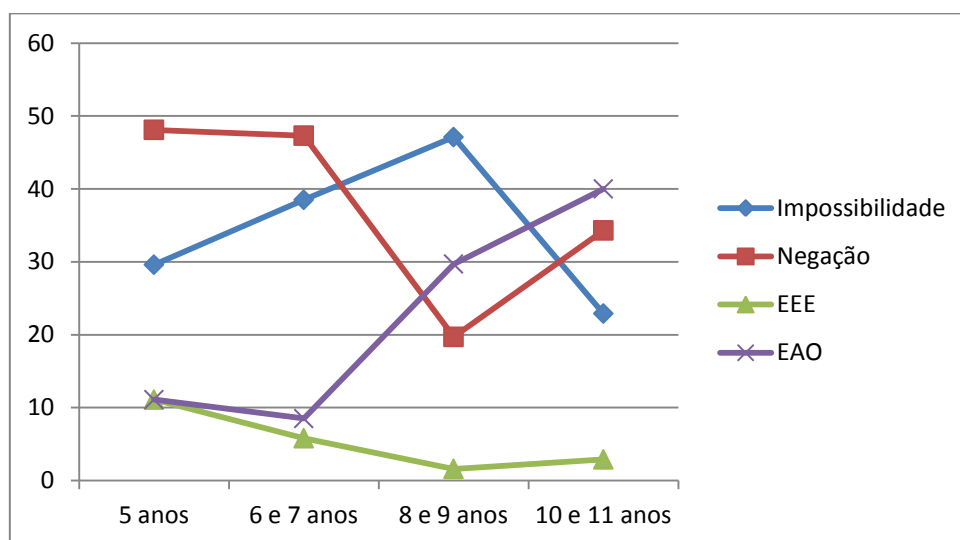
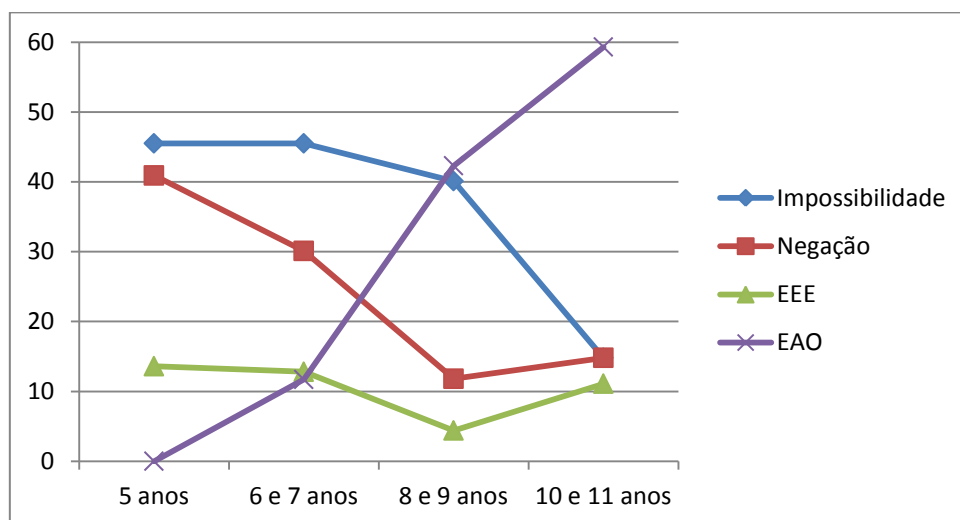


Figura 42

Percentagem da estratégia em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas



Quadro 14

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Realidade		Realidade
Categoria 3ª Posição	Fantasia	Fantasia	Fantasia e Aflição
Estratégia	Negação	Negação	Negação e Impossibilidade

Quadro 15

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			Aflição
Categoria 3ª Posição	Realidade e Aflição	Realidade	Realidade
Estratégia	Impossibilidade		EAO

As diferenças encontradas no Cartão VII (ESCOLA) estão resumidas nos quadros 14 e 15: no movimento emocional inicial de confronto (1ª posição) os rapazes de praticamente todas as idades tenderão mais para a aceitação ou esforço de resolução dessa realidade proposta no cartão, ao passo que as raparigas aos 10 e 11 anos tenderão mais para o reconhecimento da dificuldade com experiência emocional aflitiva; no movimento de desfecho emocional (3ª posição) os rapazes de todas as idades tenderão mais para a experiência fantasiosa, que poderá significar uma fuga ao aspeto crítico do cartão, e os de 10 e 11 anos adicionalmente mais para a experiência emocional aflitiva, ao passo que as raparigas de todas as idades tenderão mais para a aceitação ou esforço de resolução dessa realidade proposta no cartão, e as dos 5 aos 7 anos adicionalmente mais para a experiência emocional aflitiva; na modalidade de movimento interno global (estratégia) os rapazes de todas as idades tenderão mais para afastarem a tomada de consciência das dificuldades ou aspetos perturbadores da situação, por meio da fantasia, e os de 10 e 11 anos adicionalmente mais para o reconhecimento dessas dificuldades/aspetos perturbadores que não se traduz numa possibilidade de solução adaptativa, ao passo que as raparigas dos 5 aos 7 anos tenderão mais para o

reconhecimento das dificuldades/aspetos perturbadores que não se traduz numa possibilidade de solução adaptativa, e as de 10 e 11 anos para o reconhecimento das dificuldade/aspetos perturbadores que se traduz numa possibilidade de solução adaptativa.

O conjunto destas diferenças encontradas pode sugerir que a situação de dificuldade na aprendizagem escolar em contexto de turma, que pode ser vivida como uma ataque à autoestima e com sentimento de ansiedade relacionado com a perda em termos de imagem pessoal (Fagulha, 1993), tende a ser elaborada de forma diferente consoante o género, e com maior maturidade pelas raparigas, sobretudo aos 10 e 11 anos. Os rapazes tenderão mais frequentemente a partir logo para uma tentativa de resolução da situação, e a afastarem-se da consciencialização do afeto negativo, por meio da fuga pela fantasia, ao passo que as raparigas tenderão mais frequentemente a permanecer no real, aceitando-o e procurando uma solução. Esta procura parece ser mais conseguida pelas raparigas em relação aos rapazes à medida que a idade avança, conseguindo aos 10 e 11 anos já um maior reconhecimento das suas dificuldades que se traduzem na possibilidade de encontro de uma solução adaptativa.

Quadro 16

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, todos os cartões, nos rapazes

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição			
Categoria 3ª Posição	Fantasia	Fantasia	Fantasia e Aflição
Estratégia	+1 adaptativa	+1 adaptativa	+2 <u>não</u> adaptativas

Quadro 17

Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria e estratégia, todos os cartões, nas raparigas

	Dos 5 aos 7 anos	Dos 5 aos 9 anos	Aos 10 e 11 anos
Categoria 1ª Posição	Aflição	Aflição	Aflição
Categoria 3ª Posição	Aflição	Aflição	Realidade
Estratégia	+2 não adaptativas		+2 adaptativas

De seguida consideram-se para discussão as respostas de todos os cartões em conjunto, o que permitiu não só identificar tendências globais de diferenças entre os géneros, como melhor enquadrar e perceber as diferenças cartão a cartão já discutidas. Esses dados conjuntos estão apresentados nos quadros 16 e 17, cuja fundamentação e critérios de construção estão em anexo (ver Anexo III, página 82).

A respeito da qualidade da elaboração emocional da ansiedade e do prazer, verifica-se que, globalmente, as raparigas escolhem mais cenas de Aflição (apresentam mais posições/categoria em que escolhem significativamente mais essa categoria do que os rapazes), e os rapazes mais cenas de Fantasia, a partir do que se infere que nessa elaboração o reconhecimento e a experiência da emoção negativa são característicos das raparigas, e a experiência fantasiosa dos rapazes.

No entanto, e mais detalhadamente, para além de em todas as faixas etárias as raparigas escolherem mais a categoria Aflição na 1ª posição e os rapazes mais a categoria Fantasia na 3ª posição, verifica-se também que aos 10 e 11 anos, na 3ª posição, os rapazes escolhem mais não só a categoria Fantasia mas também a categoria Aflição, enquanto as raparigas escolhem mais a categoria Realidade. E a respeito das estratégias, verifica-se ainda que dos 5 aos 7 anos os rapazes escolhem mais estratégias adaptativas (EAO e/ou EEE) do que as raparigas, e estas mais estratégias não adaptativas do que os rapazes, mas que aos 10 e 11 anos essa tendência já inverteu, sendo as raparigas que escolhem mais estratégias adaptativas, e os rapazes mais estratégias não adaptativas. De imediato, outra inferência que se formula é a de que dos 5 aos 9 anos a elaboração das emoções poderá eventualmente ser mais fácil/adaptativa nos rapazes, mas que aos 10 e 11 anos é claramente mais fácil/adaptativa nas raparigas. Parece que essa característica das raparigas de reconhecerem e experienciarem a emoção negativa mais cedo está associada à aquisição da capacidade de tradução desse sofrimento/dificuldade numa resposta mais adaptativa ou de procura de resolução da realidade. Contrariamente, a característica dos rapazes de em novos experienciarem menos o afeto negativo e estarem mais predispostos para fantasiar, parece não estar associada a ganhos adaptativos, pelo menos em relação às raparigas e nos limites etários da amostra. De referir também que, e embora não sejam aqui representados, aquando da análise destas diferenças resultantes do conjunto de todos os cartões verificou-se que dos 7 aos 9 anos a superioridade de escolha de cenas de Aflição pelas raparigas na 3ª posição era menor que a verificada dos 5 aos 7, o que adicionado ao facto de, e já como se pode ver nos quadros, haver também uma paralela diminuição da diferença entre

estratégias mais adaptativas e menos adaptativas utilizadas pelos rapazes em relação às raparigas, permite também deduzir que essa maior maturidade das raparigas não é repentina, mas que vem a progredir com o avanço da idade.

Também com base em resultados obtidos mas não representados aqui, a respeito da comparação das respostas das duas categorias de cartões-estímulo: ansiogénicos versus prazerosos, verificou-se que dos 5 até aos 7 ou 9 anos nas situações ansiogénicas rapazes e raparigas tendem para a equiparação de superioridades adaptativas relativas a posições/categoria, mas que nas situações prazerosas os rapazes detêm o maior número dessas superioridades. No entanto, e mesmo na categoria das situações de prazer, aos 10 e 11 anos são as raparigas que conseguem respostas mais adaptativas, verificando-se portanto também aqui o efeito adaptativo da sua maior maturidade.

Se compararmos ainda esse efeito com as respostas para cada cartão especificamente, verificam-se duas situações exceção, no cartão II (DOENÇA) e no cartão I (PASSEIO). No cartão II (DOENÇA) verifica-se um padrão de resposta que lhe é exclusivo, em que os rapazes levam vantagem adaptativa em todas as faixas etárias, o que significa portanto que essa maior maturidade de elaboração emocional não conduz à maior adaptabilidade em toda e qualquer situação, ou mais especificamente, que a estratégia fantasiosa pode ser uma solução com vantagens adaptativas em situações específicas como a de doença. No cartão I (PASSEIO) verifica-se que dos 5 aos 9 anos os rapazes têm respostas mais adaptativas do que as raparigas, e que aos 10 e 11 anos não se verificam diferenças entre géneros a esse nível. Este é, conjuntamente com o cartão II, o único cartão ansiogénico em que os rapazes até aos 9 anos conseguem respostas mais adaptativas do que as raparigas e que aos 10 e 11 anos conseguem respostas pelo menos tão adaptativas quanto as delas. Este resultado favorável aos rapazes neste cartão até aos 9 anos poder-se-á dever eventualmente ao facto de ser um cartão que representa a situação ansiogénica de separação da mãe da forma mais explícita, em que no cartão estímulo mãe e filho(a) começam por aparecer juntos, depois a mãe a afastar-se já ao longe, e por fim a criança a ficar sozinha e algo apreensiva, sem a presença de mais nenhuma personagem, aspeto que pode eventualmente agudizar a maior predisposição para o afeto negativo pelas raparigas. Ao mesmo tempo este é o primeiro cartão-estímulo da prova, ao qual as crianças, neste caso as raparigas, podem tender a ser mais sensíveis.

Por fim, estes resultados obtidos e aqui descritos são na generalidade concordantes com os dados dos estudos já citados anteriormente. Verificou-se que as

raparigas parecem concordantemente experienciar mais e mais intensamente a emoção negativa em situações ansiogénicas ou difíceis (Else-Quest *et al.*, 2006; Sharp *et al.*, 2006; Zimmer-Gembeck *et al.*, 2009; Morelen *et al.*, 2011;), tendo-se também verificado uma maior facilidade dos rapazes, até aos 9 anos, em elaborar as emoções prazerosas, o que pode estar de certa forma relacionado com a sua maior elevação na dimensão “intensidade das experiências prazerosas”, verificada por Else-Quest *et al.*, (2006). A experiência emocional negativa das raparigas parece concordantemente estar associada a uma maior consciencialização (Rebelsky, *et al.*, 1963; Else Quest *et al.*, 2006), que vai permitir que, progressivamente, adquiram maior maturidade na relação com o meio e com as próprias emoções (Else-Quest *et al.*, 2006; Eschenbeck *et al.*, 2007). Por sua vez, os rapazes serão concordantemente menos conscientes (Rebelsky, *et al.*, 1963; Else Quest *et al.*, 2006), tendo mais propensão para a experiência fantasiosa (Rebelsky, *et al.*, 1963), o que parece não estar associado a uma maior utilização de formas adaptativas de relação com o meio e com as dificuldades que, derivado disso inevitavelmente sentem (Else-Quest *et al.*, 2006; Eschenbeck *et al.*, 2007), sobretudo nas idades mais avançadas, como vimos, tendência também em parte encontrada por Eschenbeck *et al.* (2007).

IV.4 Conclusão

A prova “Era uma Vez...” é uma prova projetiva de contar histórias para crianças, metodologicamente rica e aliciante, que propõe uma tarefa estandardizada mas próxima da brincadeira, que serve entre outros como complemento da entrevista para descrever a forma como a criança elabora as emoções de ansiedade e de prazer, e ainda a partir da qual se conseguem extrair os resultados e conclusões rápida e objetivamente.

Com o presente estudo pretendeu-se a descrição, pela primeira vez, das respostas à prova dadas pelos dois géneros separadamente, comparando-as e identificando possíveis tendências para diferenças entre si na sua evolução com a idade. Foi utilizada uma amostra de respostas de 400 crianças para análise (1) da categoria da cena escolhida e sua posição na sequência organizada pela criança, e (2) da Estratégia de Elaboração Emocional.

Foram encontradas diferenças de género, consoante a idade e a situação ansiogénica e de prazer. Globalmente, os resultados podem sugerir que na elaboração das emoções de ansiedade e prazer os rapazes tendem mais à experiência fantasiosa, e

as raparigas mais para a consciencialização de emoções negativas, e também que aos 10 e 11 anos as raparigas tendem mais a elaborar essas emoções com maior maturidade. Na generalidade estes resultados obtidos são concordantes com os resultados de outros estudos no âmbito das diferenças de género no domínio emocional das crianças.

Os dados obtidos podem ser utilizados na construção de uma amostra de dados normativos mais completa e precisa da prova, e as conclusões alcançadas para a formulação/teste de hipóteses no domínio das diferenças de género no desenvolvimento psicológico.

Não obstante devem referir-se algumas limitações do presente estudo: a amostra da faixa etária dos 11 anos é particularmente pequena, pelo que os seus resultados serão possivelmente menos fiáveis; a amostra da faixa etária dos 5 anos apresenta alguns resultados pouco consistentes, o que leva também a questionar a sua fiabilidade; no global a amostra carece, entre outros, de dados sociodemográficos, e foi também recolhida num espaço algo alargado no tempo, o que poderá tornar os seus resultados menos fiáveis enquanto representação populacional; embora criteriosa, a forma de agrupamento das idades adotada não teve fundamentação teórica, o que poderá ter conduzido à perda da identificação de diferenças relevantes; embora resultantes de uma análise cuidada, os critérios de identificação das diferenças não deixam de ter algum grau de aleatoriedade, pelo que seria importante estudar a mesma amostra com outros critérios, que poderiam eventualmente conduzir à acentuação ou esbatimento das tendências de diferenças aqui encontradas; embora possam ser identificados a partir da apresentação dos gráficos, na descrição das diferenças e sua discussão não foi considerado o grau ou nível de diferenças, cuja inclusão poderia vir a aumentar a validade das inferências baseadas nessas diferenças.

Relativamente a propostas para estudos futuros, considera-se que se poderiam detalhar ou aprofundar as diferenças entre géneros pela inclusão de sub-categorias das três categorias principais, por exemplo as já propostas pela autora da prova, de nível qualitativo e quantitativo, ou procurar definir/testar outras sub-categorias que permitissem uma compreensão mais completa e válida da experiência que rapazes e raparigas projetam nas cenas que escolhem. A variedade e riqueza dos materiais desta prova parece convidar a este tipo de estudo.

Por fim, as diferenças de género encontradas ao nível intra-cartões não foram aqui praticamente interpretadas. Seria interessante explorar essas diferenças aqui obtidas, procurando um enquadramento teórico mais específico e/ou comparando-as

com outros estudos que considerassem a mesma situação estímulo em particular. Tais estudos possibilitariam perceber melhor o peso da variável “situação” nas diferenças de género.

Referências Bibliográficas

- Bellak, L., & Adelman, C. (1966). El test de apercepción infantil (CAT). In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 65-90). Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Capinha, I. (2012). *Evolução das respostas à prova “Era uma vez...” em função da idade*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Cashel, M. (2002). Child and adolescent psychological assessment: Current clinical practice and the impact of managed care. *Professional Psychology: Research and Practice*, 33, 446-453.
- Chandler, L. (2003). The projective hypothesis and the development of projective techniques for children. In C. Reynolds & R. Kamphaus (Eds.), *Handbook of psychological and educational assessment of children* (pp. 51-65). New York: Guilford.
- Coulacoglou, C. (2002). Construct Validation on the Fairy Tale Test-Standardization Data. *International Journal of Testing*, 2(3-4), 217-241.
- Dupree, J., & Prevatt, F. (2003). Projective storytelling techniques. In C. Reynolds, & R. Kamphous (Eds.), *Handbook of psychological and educational assessment of children* (pp. 66-92). New York, NY: Guilford.
- Else-Quest, N., Hyde, J., Goldsmith, H., & Van Hulle, C. (2006). Gender differences in temperament: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 132(1), 33-72.
- Eschenbeck, H., Kohlmann, C., & Lohaus, A. (2007). Gender differences in coping strategies in children and adolescents. *Journal of Individual Differences*, 28(1), 18-26.
- Fagulha, T. (1985). *A actividade lúdica como instrumento de relação na consulta psicológica da criança*. Relatório de orientação de aulas teórico-práticas, Provas de Aptidão Pedagógica e de Capacidade Científica, Faculdade de psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa (policopiado, 52 páginas).

Fagulha, T. (1992). *A Prova “Era uma vez...”: Uma prova projectiva para crianças*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

Fagulha, T. (1993a). *A Prova “Era uma vez...”. Manual e material*. Lisboa: CEGOC/TEA.

Fagulha, T. (1993b). *Aplicação da Prova “Era uma vez...” a crianças com paralisia cerebral: Adaptação das condições de aplicação e características das respostas*. Comunicação não publicada em XIV International Rorschach Congress And Projective methods. Lisboa.

Fagulha, T. (1994). A Prova “Era uma vez...”. Uma prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 4(12), 511-528.

Fagulha, T. (1995). *Características do desenvolvimento emocional das crianças negligenciadas através das suas respostas à prova “Era uma vez...”*. Comunicação não publicada em II Jornadas de Estudo da Sociedade Portuguesa de Psicologia: Desenvolvimento e Cultura. Lisboa.

Fagulha, T. (1997). *A Prova “Era uma vez...”. Manual e material* (2ªEd.). Lisboa: CEGOC/TEA.

Fagulha, T. (2004). “Era uma vez...” prova projectiva para crianças. In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado & M. M. Gonçalves (Eds.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa*, vol. 2, (pp.109-122). Coimbra: Quarteto.

Fagulha, T., Andersen, F., & Gama, O. (1994). *Contributions for the use of the Era uma vez... (Once upon a time...) Projective Technique with Deaf Children*. Unpublished communication in the 52nd Annual Convention of the International Council of Psychologists. Lisboa.

Frank, L. (1965). Projective Methods for Study of Personality. In B. I. Murstein (Ed.), *Handbook Of Projective Techniques* (pp. 1-22). New York & London: Basic Books, Inc.

Freud, S. (1996). Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, a questão da análise leiga e outros trabalhos. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud: v. XX*. Rio de Janeiro: Imago. (publicação original 1926)

Gonçalves, B. & Fagulha, T. (2004). *Análise Comparativa das respostas ao Teste de Szondi e à Prova “Era uma vez...”*. Comunicação não publicada em 2º Congresso Hispano-Português de Psicologia. Lisboa.

Kagan, J. (1966). Técnicas de apercepción temática aplicadas a niños. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 116-135). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Karon, B. (1981). The Thematic Apperception Test (TAT). In A.I. Rabin (Ed.), *Assessment with projective techniques* (2nd Ed.), (pp. 85-120). New York: Springer.

Klein, G. S. (1972). The Vital Pleasures. *Psychoanalysis and Contemporary Science, Annual, Mac Milan*, 181-205.

Klein, M. (1991). Sobre a teoria da ansiedade e da culpa. In: *Obras Completas: Inveja e gratidão e outros trabalhos, vol. III*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1948)

Klein, M. (1991). A técnica psicanalítica através do brincar: sua história e significado. In: *Obras Completas: Inveja e gratidão e outros trabalhos, vol. III*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1955)

Kleiger, J. H. (2001). Projective testing with children and adolescents. In C. E. Walker & M. C. Roberts (Eds.), *Handbook of clinical child psychology* (3rd Ed.), (pp. 172-189). New York: Wiley.

Leal, M. R. M. (1985). *Introdução ao estudo dos processos de socialização precoce da criança*. Lisboa: Edição da Autora

Mills, E. S. (1953). The Madeleine Thomas Completion Stories Test. *Journal of Consulting Psychology*, vol. 17, (2), 139-141.

Morelen, D., Zeman, J., Perry-Parrish, C., & Anderson, E. (2011). Children's emotion regulation across and within nations: A comparison of Ghanaian, Kenyan, and American youth. *British Journal of Developmental Psychology*, 30, 415-431.

Murray, H. A. (1965). Uses of Thematic Apperception Test. In B. I. Murstein (Ed.), *Handbook Of Projective Techniques* (pp. 425-432). New York & London: Basic Books, Inc.

Pires, R. (2001). *Estratégias de Elaboração da Ansiedade nas respostas Sequências de Cenas à Prova “Era uma vez...”*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Rabin, A. (1966). Los métodos proyectivos y la proyección en los niños. In A. I. Rabin & M. R. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas Para Niños* (pp. 21-28). Buenos Aires: Editorial Paidós.

Rebelsky, F., Allinsmith, W., & Grinder, R. (1963). Resistance to temptation and sex differences in children's use of fantasy confession. *Child Development*, 34, 955-962.

Schneidman, E. S. (1947). The Make-A-Picture-Story (MAPS) projective personality test: A preliminary report. *Journal of Consulting Psychology*. vol. 11(6), 315-325.

Sharp, C., Van Goozen, S., & Goodyer, I. (2006). Children's subjective emotional reactivity to affective pictures: gender differences and their antisocial correlates in an unselected sample of 7–11-years-old. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 47(2), 143–150.

Ribeiro, A. (2011). *Elaboração da ansiedade nas respostas à prova “Era uma vez...” em crianças da Casa da Praia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.

Van Niekerk, P. (1999). Chapter 13, Thematic Projective Media. In: *Orthopedagogic diagnostics*. Stellenbosch: University Publishers and Booksellers. (Obra original publicada em 1978)

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Trabalho original publicado em 1971)

Yaben, S. (1993). Análisis de la estructura factorial del test Pata Negra. *Anales de psicología*, 9(2), 177-185.

Zimmer-Gembeck, M., Lees, D, & Skinner, E. (2011). Children's emotions and coping with interpersonal stress as correlates of social competence. *Australian Journal of Psychology*, 63(3), 131-141.

Anexo I

Quadro 1

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	12	44,4	17	50,0	15	40,5	15	48,4	13	52,0	23	65,7
1ª Fantasia	6	22,2	4	11,8	9	24,3	4	12,9	5	20,0	1	2,9
1ª Realidade	9	33,3	13	38,2	13	35,1	12	38,7	7	28,0	11	31,4
2ª Aflição	9	33,3	18	52,9	16	43,2	14	45,2	15	60,0	13	37,1
2ª Fantasia	7	25,9	7	20,6	8	21,6	8	25,8	2	8,0	6	17,1
2ª Realidade	11	40,7	9	26,5	13	35,1	9	29,0	8	32,0	16	45,7
3ª Aflição	6	22,2	11	32,4	12	32,4	8	25,8	1	4,0	5	14,3
3ª Fantasia	10	37,0	8	23,5	8	21,6	7	22,6	6	24,0	10	28,6
3ª Realidade	11	40,7	15	44,1	17	45,9	16	51,6	18	72,0	20	57,1

Quadro 2

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	5	22,7	16	36,4	26	52,0	14	42,4	19	54,3	19	70,4
1ª Fantasia	7	31,8	14	31,8	12	24,0	6	18,2	3	8,6	2	7,4
1ª Realidade	10	45,5	14	31,8	12	24,0	13	39,4	13	37,1	6	22,2
2ª Aflição	9	40,9	13	29,5	24	48,0	10	30,3	10	28,6	9	33,3
2ª Fantasia	7	31,8	19	43,2	9	18,0	10	30,3	12	34,3	4	14,8
2ª Realidade	6	27,3	12	27,3	17	34,0	13	39,4	13	37,1	14	51,9
3ª Aflição	2	9,1	11	25,0	14	28,0	8	24,2	5	14,3	3	11,1
3ª Fantasia	11	50,0	17	38,6	19	38,0	14	42,4	17	48,6	6	22,2
3ª Realidade	9	40,9	16	36,4	17	34,0	11	33,3	13	37,1	18	66,7

Quadro 3

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	6	22,2	12	35,3	12	32,4	8	25,8	1	4,0	5	14,3
Negação	10	37,0	8	23,5	8	21,6	7	22,6	6	24,0	10	28,6
EEE	4	14,8	4	11,8	5	13,5	3	9,7	4	16,0	3	8,6
EAO	7	25,9	10	29,4	12	32,4	13	41,9	14	56,0	17	48,6

Quadro 4

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão I (PASSEIO), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	6	27,3	12	27,3	14	28,0	8	24,2	5	14,3	3	11,1
Negação	11	50,0	18	40,9	19	38,0	14	42,4	17	48,6	6	22,2
EEE	3	13,6	8	18,2	7	14,0	6	18,2	5	14,3	3	11,1
EAO	2	9,1	6	13,6	10	20,0	5	15,2	8	22,9	15	55,6

Quadro 5

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	18	66,7	13	38,2	18	48,6	11	35,5	9	36,0	15	42,9
1ª Fantasia	4	14,8	10	29,4	7	18,9	5	16,1	5	20,0	3	8,6
1ª Realidade	5	18,5	11	32,4	12	32,4	15	48,4	11	44,0	17	48,6
2ª Aflição	10	37,0	15	44,1	15	40,5	11	35,5	8	32,0	10	28,6
2ª Fantasia	7	25,9	10	29,4	10	27,0	11	35,5	8	32,0	8	22,9
2ª Realidade	10	37,0	9	26,5	12	32,4	9	29,0	9	36,0	17	48,6
3ª Aflição	6	22,2	11	32,4	11	29,7	14	45,2	8	32,0	6	17,1
3ª Fantasia	10	37,0	10	29,4	20	54,1	13	41,9	13	52,0	22	62,9
3ª Realidade	11	40,7	13	38,2	6	16,2	4	12,9	4	16,0	7	20,0

Quadro 6

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	9	40,9	14	31,8	28	56,0	18	54,5	19	54,3	12	44,4
1ª Fantasia	2	9,1	12	27,3	10	20,0	4	12,1	2	5,7	2	7,4
1ª Realidade	11	50,0	18	40,9	12	24,0	11	33,3	14	40,0	13	48,1
2ª Aflição	8	36,4	22	50,0	21	42,0	11	33,3	15	42,9	7	25,9
2ª Fantasia	7	31,8	8	18,2	8	16,0	6	18,2	9	25,7	5	18,5
2ª Realidade	7	31,8	14	31,8	21	42,0	16	48,5	11	31,4	15	55,6
3ª Aflição	8	36,4	20	45,5	19	38,0	16	48,5	13	37,1	10	37,0
3ª Fantasia	7	31,8	12	27,3	24	48,0	9	27,3	19	54,3	14	51,9
3ª Realidade	7	31,8	12	27,3	7	14,0	8	24,2	3	8,6	3	11,1

Quadro 7

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	11	40,7	17	50,0	15	40,5	15	48,4	9	36,0	9	25,7
Negação	5	18,5	6	17,6	9	24,3	8	25,8	4	16,0	5	14,3
EEE	6	22,2	7	20,6	12	32,4	6	19,4	9	36,0	17	48,6
EAO	5	18,5	4	11,8	1	2,7	2	6,5	3	12,0	4	11,4

Quadro 8

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão II (DOENÇA), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	11	50,0	25	56,8	20	40,0	19	57,6	16	45,7	11	40,7
Negação	4	18,2	6	13,6	13	26,0	4	12,1	7	20,0	1	3,7
EEE	5	22,7	9	20,5	14	28,0	6	18,2	12	34,3	14	51,9
EAO	2	9,1	4	9,1	3	6,0	4	12,1	0	0,0	1	3,7

Quadro 9

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão III (PRAIA), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	3	11,1	6	17,6	1	2,7	6	19,4	5	20,0	8	22,9
1ª Fantasia	9	33,3	11	32,4	16	43,2	9	29,0	6	24,0	8	22,9
1ª Realidade	15	55,6	17	50,0	20	54,1	16	51,6	14	56,0	19	54,3
2ª Aflição	8	29,6	11	32,4	10	27,0	8	25,8	8	32,0	9	25,7
2ª Fantasia	11	40,7	7	20,6	13	35,1	11	35,5	5	20,0	9	25,7
2ª Realidade	8	29,6	16	47,1	14	37,8	12	38,7	12	48,0	17	48,6
3ª Aflição	5	18,5	11	32,4	11	29,7	11	35,5	3	12,0	5	14,3
3ª Fantasia	14	51,9	18	52,9	11	29,7	13	41,9	10	40,0	11	31,4
3ª Realidade	8	29,6	5	14,7	15	40,5	7	22,6	12	48,0	19	54,3

Quadro 10

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão III (PRAIA), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	4	18,2	10	22,7	7	14,0	7	21,2	6	17,1	6	22,2
1ª Fantasia	7	31,8	13	29,5	17	34,0	6	18,2	10	28,6	3	11,1
1ª Realidade	11	50,0	21	47,7	26	52,0	20	60,6	19	54,3	18	66,7
2ª Aflição	7	31,8	11	25,0	9	18,0	3	9,1	9	25,7	7	25,9
2ª Fantasia	5	22,7	17	38,6	22	44,0	11	33,3	10	28,6	8	29,6
2ª Realidade	10	45,5	16	36,4	19	38,0	19	57,6	16	45,7	12	44,4
3ª Aflição	7	31,8	13	29,5	20	40,0	8	24,2	9	25,7	2	7,4
3ª Fantasia	12	54,5	22	50,0	19	38,0	13	39,4	10	28,6	12	44,4
3ª Realidade	3	13,6	9	20,5	11	22,0	12	36,4	16	45,7	13	48,1

Quadro 11

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão III (PRAIA), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	7	25,9	12	35,3	15	40,5	12	38,7	6	24,0	5	14,3
Negação	7	25,9	9	26,5	4	10,8	4	12,9	6	24,0	5	14,3
EEE	12	44,4	10	29,4	14	37,8	13	41,9	8	32,0	18	51,4
EAO	1	3,7	3	8,8	4	10,8	2	6,5	5	20,0	7	20,0

Quadro 12

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão III (PRAIA), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	7	31,8	15	34,1	21	42,0	11	33,3	12	34,3	3	11,1
Negação	5	22,7	12	27,3	5	10,0	3	9,1	5	14,3	6	22,2
EEE	10	45,5	16	36,4	22	44,0	17	51,5	14	40,0	13	48,1
EAO	0	0,0	1	2,3	2	4,0	2	6,1	4	11,4	5	18,5

Quadro 13

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	15	55,6	26	76,5	26	70,3	26	83,9	19	76,0	22	62,9
1ª Fantasia	6	22,2	4	11,8	9	24,3	1	3,2	1	4,0	5	14,3
1ª Realidade	6	22,2	4	11,8	2	5,4	4	12,9	5	20,0	8	22,9
2ª Aflição	10	37,0	16	47,1	14	37,8	15	48,4	11	44,0	13	37,1
2ª Fantasia	10	37,0	13	38,2	15	40,5	12	38,7	10	40,0	10	28,6
2ª Realidade	7	25,9	5	14,7	8	21,6	4	12,9	4	16,0	12	34,3
3ª Aflição	10	37,0	11	32,4	11	29,7	3	9,7	6	24,0	6	17,1
3ª Fantasia	10	37,0	16	47,1	18	48,6	17	54,8	13	52,0	15	42,9
3ª Realidade	7	25,9	7	20,6	8	21,6	11	35,5	6	24,0	14	40,0

Quadro 14

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	11	50,0	29	65,9	40	80,0	24	72,7	27	77,1	21	77,8
1ª Fantasia	2	9,1	7	15,9	3	6,0	3	9,1	5	14,3	3	11,1
1ª Realidade	9	40,9	8	18,2	7	14,0	6	18,2	3	8,6	3	11,1
2ª Aflição	8	36,4	19	43,2	19	38,0	19	57,6	14	40,0	17	63,0
2ª Fantasia	8	36,4	16	36,4	18	36,0	9	27,3	11	31,4	6	22,2
2ª Realidade	6	27,3	9	20,5	13	26,0	5	15,2	10	28,6	4	14,8
3ª Aflição	5	22,7	21	47,7	19	38,0	14	42,4	8	22,9	4	14,8
3ª Fantasia	13	59,1	13	29,5	19	38,0	14	42,4	13	37,1	7	25,9
3ª Realidade	4	18,2	10	22,7	12	24,0	5	15,2	14	40,0	16	59,3

Quadro 15

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	8	29,6	6	17,6	8	21,6	1	3,2	5	20,0	1	2,9
Negação	6	22,2	6	17,6	8	21,6	7	22,6	6	24,0	5	14,3
EEE	7	25,9	19	55,9	16	43,2	16	51,6	9	36,0	16	45,7
EAO	6	22,2	3	8,8	5	13,5	7	22,6	5	20,0	13	37,1

Quadro 16

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão IV (PESADELO), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	1	4,5	12	27,3	10	20,0	8	24,2	5	14,3	4	14,8
Negação	7	31,8	9	20,5	11	22,0	8	24,2	2	5,7	1	3,7
EEE	10	45,5	16	36,4	13	26,0	8	24,2	19	54,3	12	44,4
EAO	4	18,2	7	15,9	16	32,0	9	27,3	9	25,7	10	37,0

Quadro 17

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	8	29,6	6	17,6	4	10,8	4	12,9	1	4,0	2	5,7
1ª Fantasia	10	37,0	10	29,4	15	40,5	9	29,0	6	24,0	6	17,1
1ª Realidade	9	33,3	18	52,9	18	48,6	18	58,1	18	72,0	27	77,1
2ª Aflição	8	29,6	9	26,5	8	21,6	2	6,5	2	8,0	3	8,6
2ª Fantasia	13	48,1	15	44,1	17	45,9	19	61,3	15	60,0	19	54,3
2ª Realidade	6	22,2	10	29,4	12	32,4	10	32,3	8	32,0	13	37,1
3ª Aflição	5	18,5	13	38,2	7	18,9	7	22,6	1	4,0	6	17,1
3ª Fantasia	9	33,3	14	41,2	18	48,6	14	45,2	15	60,0	10	28,6
3ª Realidade	13	48,1	7	20,6	12	32,4	10	32,3	9	36,0	19	54,3

Quadro 18

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	10	45,5	9	20,5	13	26,0	7	21,2	5	14,3	2	7,4
1ª Fantasia	6	27,3	14	31,8	13	26,0	9	27,3	12	34,3	8	29,6
1ª Realidade	6	27,3	21	47,7	24	48,0	17	51,5	18	51,4	17	63,0
2ª Aflição	7	31,8	16	36,4	14	28,0	5	15,2	4	11,4	3	11,1
2ª Fantasia	6	27,3	13	29,5	15	30,0	12	36,4	11	31,4	8	29,6
2ª Realidade	9	40,9	15	34,1	21	42,0	16	48,5	20	57,1	16	59,3
3ª Aflição	9	40,9	11	25,0	15	30,0	8	24,2	7	20,0	1	3,7
3ª Fantasia	7	31,8	17	38,6	16	32,0	7	21,2	10	28,6	13	48,1
3ª Realidade	6	27,3	16	36,4	19	38,0	18	54,5	18	51,4	13	48,1

Quadro 19

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	6	22,2	14	41,2	7	18,9	8	25,8	1	4,0	7	20,0
Negação	8	29,6	9	26,5	8	21,6	1	3,2	0	0,0	3	8,6
EEE	13	48,1	11	32,4	21	56,8	21	67,7	23	92,0	23	65,7
EAO	0	0,0	0	0,0	1	2,7	1	3,2	1	4,0	2	5,7

Quadro 20

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão V (ANIVERSÁRIO), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	10	45,5	11	25,0	15	30,0	7	21,2	7	20,0	1	3,7
Negação	4	18,2	9	20,5	12	24,0	2	6,1	2	5,7	2	7,4
EEE	5	22,7	20	45,5	19	38,0	20	60,6	24	68,6	23	85,2
EAO	3	13,6	4	9,1	4	8,0	4	12,1	2	5,7	1	3,7

Quadro 21

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão VI (Briga dos Pais), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10-11 anos
	n = 27	n = 34	n = 37	n = 31	n = 25	n = 35
1ª Aflição	3 11,1	6 17,6	7 18,9	5 16,1	5 20,0	12 34,3
1ª Fantasia	13 48,1	9 26,5	14 37,8	8 25,8	4 16,0	3 8,6
1ª Realidade	11 40,7	19 55,9	16 43,2	18 58,1	16 64,0	20 57,1
2ª Aflição	11 40,7	11 32,4	14 37,8	17 54,8	14 56,0	19 54,3
2ª Fantasia	8 29,6	12 35,3	13 35,1	8 25,8	7 28,0	9 25,7
2ª Realidade	8 29,6	11 32,4	10 27,0	6 19,4	4 16,0	7 20,0
3ª Aflição	5 18,5	13 38,2	14 37,8	12 38,7	8 32,0	15 42,9
3ª Fantasia	17 63,0	18 52,9	12 32,4	13 41,9	13 52,0	19 54,3
3ª Realidade	5 18,5	3 8,8	11 29,7	6 19,4	4 16,0	1 2,9

Quadro 22

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão VI (Briga dos Pais), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10-11 anos
	n = 22	n = 44	n = 50	n = 33	n = 35	n = 27
1ª Aflição	7 31,8	11 25,0	16 32,0	12 36,4	8 22,9	14 51,9
1ª Fantasia	9 40,9	20 45,5	11 22,0	3 9,1	6 17,1	2 7,4
1ª Realidade	6 27,3	13 29,5	23 46,0	18 54,5	21 60,0	11 40,7
2ª Aflição	8 36,4	17 38,6	27 54,0	15 45,5	20 57,1	15 55,6
2ª Fantasia	9 40,9	19 43,2	16 32,0	8 24,2	8 22,9	6 22,2
2ª Realidade	5 22,7	8 18,2	7 14,0	10 30,3	7 20,0	6 22,2
3ª Aflição	6 27,3	9 20,5	13 26,0	13 39,4	14 40,0	9 33,3
3ª Fantasia	9 40,9	20 45,5	26 52,0	16 48,5	16 45,7	12 44,4
3ª Realidade	7 31,8	15 34,1	11 22,0	4 12,1	5 14,3	6 22,2

Quadro 23

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VI (Briga dos Pais), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes					
	5 anos	6 anos	7 anos	8 anos	9 anos	10-11 anos
	n = 27	n = 34	n = 37	n = 31	n = 25	n = 35
Impossibilidade	7 25,9	5 14,7	17 45,9	8 25,8	3 12,0	6 17,1
Negação	10 37,0	9 26,5	10 27,0	2 6,5	6 24,0	5 14,3
EEE	10 37,0	16 47,1	7 18,9	16 51,6	9 36,0	17 48,6
EAO	0 0,0	4 11,8	3 8,1	5 16,1	7 28,0	7 20,0

Quadro 24

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VI (Briga dos Pais), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	7	31,8	10	22,7	17	34,0	10	30,3	6	17,1	7	25,9
Negação	6	27,3	12	27,3	13	26,0	5	15,2	4	11,4	2	7,4
EEE	7	31,8	19	43,2	17	34,0	12	36,4	15	42,9	13	48,1
EAO	2	9,1	3	6,8	3	6,0	6	18,2	10	28,6	5	18,5

Quadro 25

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes.

Cenas / Posição	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
1ª Aflição	6	22,2	10	29,4	11	29,7	8	25,8	12	48,0	7	20,0
1ª Fantasia	7	25,9	5	14,7	11	29,7	5	16,1	0	0,0	0	0,0
1ª Realidade	14	51,9	19	55,9	15	40,5	18	58,1	13	52,0	28	80,0
2ª Aflição	13	48,1	17	50,0	14	37,8	11	35,5	12	48,0	15	42,9
2ª Fantasia	7	25,9	10	29,4	9	24,3	6	19,4	2	8,0	3	8,6
2ª Realidade	7	25,9	7	20,6	14	37,8	14	45,2	11	44,0	17	48,6
3ª Aflição	4	14,8	13	38,2	8	21,6	15	48,4	9	36,0	8	22,9
3ª Fantasia	13	48,1	11	32,4	23	62,2	6	19,4	5	20,0	12	34,3
3ª Realidade	10	37,0	10	29,4	6	16,2	10	32,3	11	44,0	15	42,9

Quadro 26

Frequência e percentagem da categoria, por posição, em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas.

Cenas / Posição	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
1ª Aflição	3	13,6	17	38,6	23	46,0	13	39,4	12	34,3	8	29,6
1ª Fantasia	11	50,0	10	22,7	11	22,0	2	6,1	0	0,0	1	3,7
1ª Realidade	8	36,4	17	38,6	16	32,0	18	54,5	23	65,7	18	66,7
2ª Aflição	11	50,0	16	36,4	15	30,0	15	45,5	12	34,3	11	40,7
2ª Fantasia	6	27,3	16	36,4	13	26,0	5	15,2	4	11,4	2	7,4
2ª Realidade	5	22,7	12	27,3	22	44,0	13	39,4	19	54,3	14	51,9
3ª Aflição	9	40,9	16	36,4	21	42,0	15	45,5	8	22,9	4	14,8
3ª Fantasia	9	40,9	15	34,1	13	26,0	5	15,2	4	11,4	4	14,8
3ª Realidade	4	18,2	13	29,5	16	32,0	13	39,4	23	65,7	19	70,4

Quadro 27

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nos rapazes.

Estratégia	Amostra dos Rapazes											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 27		n = 34		n = 37		n = 31		n = 25		n = 35	
Impossibilidade	8	29,6	17	50,0	10	27,0	18	58,1	9	36,0	8	22,9
Negação	13	48,1	11	32,4	23	62,2	6	19,4	5	20,0	12	34,3
EEE	3	11,1	3	8,8	1	2,7	1	3,2	0	0,0	1	2,9
EAO	3	11,1	3	8,8	3	8,1	6	19,4	10	40,0	14	40,0

Quadro 28

Frequência e percentagem da estratégia utilizada em função da idade, Cartão VII (ESCOLA), nas raparigas.

Estratégia	Amostra das Raparigas											
	5 anos		6 anos		7 anos		8 anos		9 anos		10-11 anos	
	n = 22		n = 44		n = 50		n = 33		n = 35		n = 27	
Impossibilidade	10	45,5	18	40,9	25	50,0	17	51,5	10	28,6	4	14,8
Negação	9	40,9	15	34,1	13	26,0	5	15,2	4	11,4	4	14,8
EEE	3	13,6	6	13,6	6	12,0	1	3,0	2	5,7	3	11,1
EAO	0	0,0	5	11,4	6	12,0	10	30,3	19	54,3	16	59,3

Anexo II

Relativamente à questão da apresentação dos dados por idades, concluiu-se que o seu agrupamento facilitaria o alcance do objetivo deste estudo de extrair e apresentar possíveis tendências de diferenças entre os géneros nas respostas e a sua evolução com o avanço da idade. Agruparam-se no mesmo intervalo etário as amostras dos 6 e 7 anos, dos 8 e 9 anos, e dos 10 e 11 anos, ficando apenas a amostra dos 5 anos isolada. A escolha destes agrupamentos não tem nenhuma fundamentação teórica, foi decidida apenas com base na análise prévia da evolução dos valores percentuais a partir dos gráficos das percentagens das respostas com as idades todas discriminadas. Dessa análise destaca-se a identificação de dois pontos que apresentavam uma variação particularmente acentuada dos valores percentuais e com alguma sistematicidade, nomeadamente na passagem dos 5 para os 6 anos, e dos 9 para os 10 anos, e daí advém parte da decisão de manter a amostra dos 5 anos isolada, e de agrupar as amostras de 10 e 11 anos, separando-as das precedentes. Ao mesmo tempo, a diferenciação de dois polos etários da amostra pareceu adequada tendo em vista o objetivo da análise evolutiva dos resultados. Finalmente optou-se por agrupar a restante amostra também aos pares, dos 6 e 7 anos, e dos 8 e 9 anos.

Para a descrição das diferenças a partir da apresentação dos dados nos gráficos (Figuras), que é feita primeiro em texto na secção “Diferenças gerais entre géneros” e depois em tabelas (Quadros) com o título “Resumo das tendências para maior utilização de uma categoria/posição (ou estratégia)”, recorreu-se ainda a um agrupamento (designado daqui para a frente como 2º agrupamento) desse primeiro agrupamento já descrito (designado daqui para a frente como 1º agrupamento), mais precisamente criando-se as categorias: “Dos 5 aos 7 anos”, “Dos 5 aos 9 anos”, e ainda o “Aos 10 e 11 anos”, que é idêntico ao respetivo agrupamento de 1ª ordem. Este 2º agrupamento justifica-se por se ter revelado essencial para o alcance do objetivo de extração e descrição o mais simples e claras possível das diferenças encontradas. Manter o 1º agrupamento ao nível da apresentação dos dados e a utilização do 2º agrupamento somente na sua descrição permite que, quando existentes, as diferenças entre os agrupamentos dos 5 e dos 6 e 7 anos, e também entre os agrupamentos dos 6 e 7 anos e dos 8 e 9 anos (todos relativos ao 1º agrupamento) possam ser salvaguardadas e controladas, de forma a evitar que se percam ou que possam distorcer desadequadamente os valores das categorias de 2º agrupamento que consubstanciam.

Esta questão ficará mais clara com a descrição dos critérios que se utilizaram para a identificação de diferenças, que se segue.

Relativamente ao critério para a identificação de diferenças a partir dos dados agrupados (1º agrupamento) dos gráficos para a posição/categoria e estratégias, que são depois assinaladas e descritas primeiro em texto e depois em quadros e já sob utilização das categorias do 2º agrupamento, este compreende um conjunto de subcritérios, todos eles igualmente decorrentes de uma análise cuidada dos resultados obtidos nos gráficos e da procura do objetivo específico deste trabalho já referido. Estes critérios aplicam-se assim aos dados percentuais agrupados e apresentados nos gráficos (1º agrupamento), e são os que vão fundamentar a formação e valor atribuído às categorias do 2º agrupamento que são as que se utilizam na descrição desses dados e das suas diferenças. Esses subcritérios aplicados ao 1º agrupamento são:

- a) Considera-se haver diferença de género num agrupamento etário se a percentagem desse agrupamento para os dois géneros diferir pelo menos cerca de 20% entre si. Isto é válido para todos os agrupamentos etários à exceção do agrupamento dos 5 anos, derivado de (1) a sua amostra ser menor em relação à generalidade das amostras dos outros agrupamentos, e por isso ser à partida menos fiável; e (2) por ser um agrupamento em que se verificam diferenças de percentagem particularmente grandes e cuja descrição não iria favorecer mas apenas confundir o alcance do objetivo principal deste trabalho, tratando-se inclusivamente de alguns valores que e de forma igualmente particular parecem contradizer o princípio geral de que as respostas que pressupõe maior maturidade crescem com a idade e não o contrário, aspeto que acabou também por contribuir para o seu isolamento nos agrupamentos. Ainda uma outra exceção à aplicação deste subcritério a) prende-se com os casos em que o padrão das linhas gráficas evolutivas em questão apresentarem muita irregularidade, isto é, se tenderem para gerar compensações sucessivas dos seus valores com inversões no sentido da favorabilidade das diferenças de género.
- b) Considera-se haver diferença entre géneros num agrupamento etário se a percentagem dessa diferença for de pelo menos 10% entre os géneros e se esse agrupamento for imediatamente precedido por um agrupamento em que se verifique uma diferença percentual, mesmo que mínima, também favorável ao mesmo género, ou em alguns casos se, e no limite, for nula. Este critério foi estabelecido essencialmente para não haver omissão de diferenças que, mesmo

não atingindo a percentagem requerida pelo subcritério a) pareçam efetivamente tender a existir pelo facto de revelarem alguma consistência e crescimento com a idade. É um subcritério válido, portanto, para o agrupamento dos 6 e 7 anos subordinado ao valor do agrupamento dos 5 anos, para o agrupamento dos 8 e 9 anos subordinado ao dos 6 e 7 anos, e para o agrupamento dos 10 e 11 anos subordinado ao dos 8 e 9 anos. Uma exceção a este critério aplica-se ao agrupamento etário dos 6 e 7 anos, por um lado enquanto subordinado pelo agrupamento etário dos 5 anos, e por outro enquanto subordinante do agrupamento dos 8 e 9 anos: caso se verifique uma grande disparidade dos resultados do agrupamento dos 5 anos em relação ao dos 6 e 7 – o que acontece em vários casos da forma que já foi descrita –, se o agrupamento dos 8 e 9 anos apresentar, tal como o agrupamento dos 6 e 7 anos um valor percentual igual ou superior a 10% de diferença favorável ao mesmo género, nesse caso os valores dos 5 anos são ignorados, embora sejam sempre incluídos no rótulo das categorias descritiva, e dizendo-se nesses casos portanto que há uma diferença “Dos 5 aos 9 anos”. Sempre que o valor do agrupamento dos 5 anos revelar valores que não se considerem pouco fiáveis pelas razões já descritas, são considerados para o efeito do critério presente à semelhança dos valores dos restantes agrupamentos, estando portanto contemplados nos casos em que se afirme haver diferença “Dos 5 aos 7 anos”, ou “Dos 5 aos 9 anos”.

- c) Nos casos em que numa mesma linha evolutiva de uma categoria/posição ou estratégia se verifique uma diferença entre géneros sempre favorável no mesmo sentido em pelo menos 3 dos 4 agrupamentos etários possíveis (ou mesmo que num deles essa diferença seja nula), desde que pelo menos duas das diferenças no caso de serem três agrupamentos em questão, ou de pelo menos três diferenças no caso de quatro agrupamentos apresentem uma percentagem de pelo menos 10%, assume-se que há uma diferença “em praticamente todas” ou mesmo “em todas” as faixas etárias consideradas, respetivamente.
- d) Nos casos em que (1) uma mesma linha evolutiva de uma categoria/posição ou estratégia apresente grandes oscilações no sentido de crescimentos e decréscimos sucessivos sem que seja possível extrair uma tendência, ou em que (2) a sua comparação com a sua correspondente do outro género sugira várias mudanças sucessivas de favorabilidade aos géneros, a sua utilização será particularmente cautelosa, favorecendo-se a não identificação de diferenças em

que estão implicadas, pois embora essas irregularidades se possam até certo ponto dever ao acaso, irão desfavorecer o alcance do objetivo proposto por este estudo;

- e) Por fim, serão omitidas diferenças que tenham origem em movimentos de linha evolutiva que contradizem o princípio geral de que as respostas que pressupõe maior maturidade crescem com a idade e não o contrário, por exemplo na situação em que uma diferença no agrupamento “Aos 10 e 11 anos” para a categoria de cena escolhida na 3ª posição num cartão de situação ansiogénica se deva a um decréscimo acentuado da frequência de cenas de Realidade.

Anexo III

Os quadros 16 e 17 apresentam as diferenças globais entre géneros obtidas pela soma e posterior cálculo da diferença da frequência de todas as posições/categoria e estratégias para todas as células dos Quadros 2 a 15, entre os dois géneros, e portanto referentes à totalidade dos cartões. Consideraram-se diferentes e assinaláveis todas as diferenças de frequências de posição/categoria que, entre os géneros, tivessem uma diferença de pelo menos 2 ou 3. Por exemplo, para a célula correspondente à 1ª posição dos 5 aos 7 anos, somaram-se todas essas posições/categoria de todos os cartões-estímulo, para rapazes e raparigas separadamente. Depois compararam-se essas frequências, e todas essas posições/categorias que diferiam entre géneros por um valor mínimo de 2 ou 3, foram assinaladas neste quadros 16 e 17, no primeiro quando essa diferença é favorável aos rapazes, e no segundo quando o é às raparigas. Embora não tenha sido adicionada neste trabalho, foi para este efeito realizada uma tabela com todas essas frequências e diferenças, que permitiram também verificar o grau das diferenças, tendo-se encontrado por exemplo diferenças de apenas 2 e diferenças de 4. É feita referência a esta diferença de grau na discussão quando é pertinente.

Os dados destes Quadros referentes às estratégias resultam de um processo idêntico, mas tendo-se dividido as 4 estratégias em duas categorias: as adaptativas (EAO e EEE) e as não adaptativas (Impossibilidade e Negação). Basicamente somaram-se as estratégias assim categorizadas referentes a cada célula da linha “estratégias” de todos os cartões, para cada género separadamente, e procedeu-se ao cálculo da sua diferença, portanto a diferença entre as estratégias adaptativas escolhidas por cada género em cada célula, e o mesmo para as não adaptativas, sendo assinalado nos quadros a diferença resultante: no quadro masculino quando a diferença foi favorável a essa amostra, e no feminino quando lhes foi favorável a elas. Neste caso e diferentemente da posição/categoria, são assinalados nos quadros os valores exatos dessas diferenças.